

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Caroline Grespan Forlani

***Sexting* na adolescência: pensando riscos e prevenção para a
vivência saudável da sexualidade em tempos digitais**

São Carlos - SP

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

***Sexting* na adolescência: pensando riscos e prevenção para a
vivência saudável da sexualidade em tempos digitais**

Projeto de Dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da
Universidade Federal de São Carlos, para fins de
Exame de Defesa

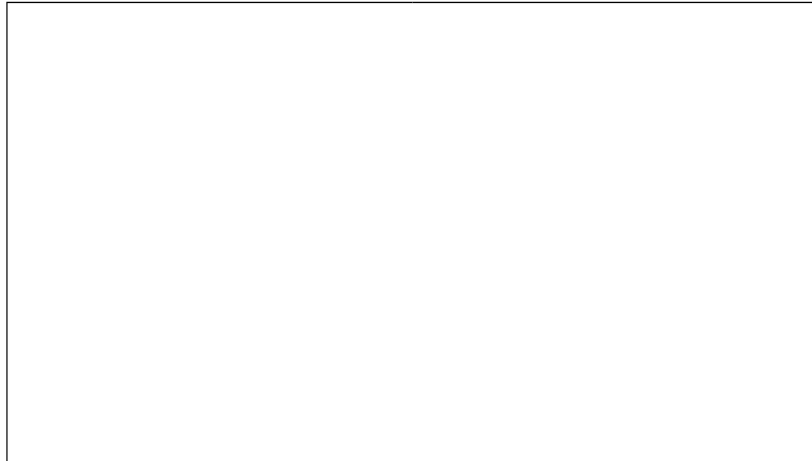
Mestranda: Caroline Grespan Forlani

Orientadora: Profa. Dra. Diene Monique Carlos.

São Carlos - SP

2023

Ficha de identificação da obra

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the user to provide identifying information about the work.

Caroline Grespan Forlani

Título: *Sexting* na adolescência: pensando riscos e prevenção para a vivência saudável da sexualidade em tempos digitais

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Diene Monique Carlos, Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Natalia Rejane Salim, Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Maria Neto da Cruz Leitão, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Diene Monique Carlos
Orientador(a)

São Carlos-SP, 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir realizar esse sonho.

À minha orientadora que me acolheu e me incentivou e meu deu suporte ao decorrer do trabalho.

Aos meus amigos por sempre compartilhar momentos da minha caminhada.

A minha amiga Mirela que foi minha inspiração e referência.

A minha família pelo apoio e incentivo.

Aos meus colegas de trabalho pela paciência e companheirismo.

E a todos que direta ou indiretamente fazem parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Resumo

A adolescência é um processo inerente a todo ser humano, sendo o momento do desenvolvimento humano entre a infância e a idade adulta. É entendida como categoria social, devendo ser olhada a partir de suas singularidades. Neste processo, o adolescente passa a conviver e experimentar novas relações sociais, quando a sexualidade se manifesta em novas e desconhecidas sensações. Um dos comportamentos que requer atenção nesta área é o *sexting*, quando alguém produz e envia ou recebe conteúdos sexuais seus ou de outra pessoa através de dispositivos tecnológicos, seja por texto, vídeo ou imagem. Entende-se que se trata contemporaneamente de uma expressão da sexualidade na adolescência, mas que pode ter elementos de vulnerabilidade. O objetivo deste trabalho foi conhecer e analisar as percepções de adolescentes sobre a prática de troca de conteúdos sexuais na Internet e redes sociais (*sexting*). Pesquisa qualitativa, realizada com 15 estudantes adolescentes de uma escola estadual do interior do estado de São Paulo. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e grupo focal em agosto e setembro de 2022. A análise de dados foi realizada por meio de análise temática reflexiva. Emergiram três temas finais, a saber “Se relacionando pelas redes sociais digitais”; “Vivenciado o *sexting*”; e “Pensando riscos e prevenção para vivência saudável da sexualidade em tempos digitais”. O primeiro tema abordou a imersão dos adolescentes em meios digitais, e a função de comunicação ofertada pelas redes sociais. Neste sentido, se desenvolvem e se relacionam por meio destas redes, percebendo riscos e benefícios. No segundo, o *sexting* apareceu como parte inerente às relações, sendo articulada às violências pelos adolescentes. Refletem sobre os papéis da desigualdade de gênero como determinantes para o estabelecimento destas relações violentas, incluindo para as consequências destas violências. Finalmente, no último tema, exploram riscos apontados pela prática do *sexting*, sugerindo importantes ações para o enfrentamento de vivências não saudáveis, em perspectivas que considerem os contextos familiar, escolar e comunitário mais amplo. O estudo traz a necessidade urgente de discussões com adolescentes, pais ou cuidadores, professores e comunidade sobre uso seguro e saudável da Internet e redes sociais, bem como vivências saudáveis da sexualidade. Novos estudos que abarquem outros cenários, em especial municípios de grande porte, são recomendados.

Palavras chaves: Adolescente. Sexualidade. Redes Sociais Online. Mídias Sociais.

Abstract

Adolescence is a process inherent to every human being, being the moment of human development between childhood and adulthood. It is understood as a social category, and should be viewed from its singularities. In this process, the teenager starts to live and experience new social relationships, when sexuality manifests itself in new and unknown sensations. One of the behaviors that requires attention in this area is sexting, when someone produces and sends or receives sexual content from himself or another person through technological devices, whether by text, video or image. It is understood that this is contemporarily an expression of sexuality in adolescence, but that it may have elements of vulnerability. The objective of this work was to know and analyze the perceptions of adolescents about the practice of exchanging sexual content on the Internet and social networks (sexting). Qualitative research, carried out with 15 adolescent students from a state school in the countryside of the state of São Paulo. Data collection was carried out through semi-structured interviews and focus group in August and September 2022. Data analysis was performed through reflective thematic analysis. Three final themes emerged, namely "Relating to digital social networks"; "Experiencing sexting"; and "Thinking about risks and prevention for a healthy experience of sexuality in digital times". The first theme addressed the immersion of adolescents in digital media, and the communication function offered by social networks. In this sense, they develop and relate through these networks, perceiving risks and benefits. In the second, sexting appeared as an inherent part of relationships, being articulated to violence by the adolescents. They reflect on the roles of gender inequality as determinants for the establishment of these violent relationships, including for the consequences of these violences. Finally, in the last theme, they explore risks posed by the practice of sexting, suggesting important actions for the confrontation of unhealthy experiences, in perspectives that consider the family, school, and wider community contexts. The study brings the urgent need for discussions with adolescents, parents or caregivers, teachers and community about safe and healthy use of the Internet and social networks, as well as healthy experiences of sexuality. Further studies covering other settings, especially large municipalities, are recommended.

Keywords: Adolescent. Sexuality. Online Social Networking. Social Media.

Lista de quadros

Quadro 1- Árvore de codificação dos temas emergentes dos dados da pesquisa.

Quadro 2- Caracterização sociodemográfica dos participantes da pesquisa.

Lista de Siglas

ESF- Estratégia de Saúde da Família

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais

OMS- Organização Mundial de Saúde

MS- Ministério da Saúde

TIC- Tecnologia da Informação e Comunicação

PDE- Plano de Desenvolvimento da Educação

PSE- Programa Saúde na Escola

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUS- Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1. INTRODUÇÃO	12
2. JUSTIFICATIVA	18
3. OBJETIVOS	19
4. METODOLOGIA	20
5. RESULTADOS	24
6. DISCUSSÃO	34
7. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES E ANEXOS	46

APRESENTAÇÃO

Sou enfermeira graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 2009, especialista em Formação de Docentes para Educação Profissional em Enfermagem. Após concluir minha graduação, iniciei no corpo docente de uma escola de formação em ensino técnico de Enfermagem, fui supervisora de estágio e responsável técnica do curso, ao todo foram cinco anos de dedicação à escola. Fiz um processo seletivo para enfermeira da Estratégia de Saúde da Família (ESF) e ingressei em 2015, onde consegui desenvolver alguns projetos, dentre eles um em escola pública com adolescentes, pois sempre me identifiquei com educação em saúde. Desenvolvi meu projeto com este público pois sempre tive resultados positivos enquanto enfermeira da ESF. O tema escolhido foi sexualidade relacionada a meios virtuais devido ao crescimento expansivo das redes sociais e seus impactos na vida dos adolescentes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Ciências, datados de 1998, já apontavam a necessidade de tratar a temática de maneira transversal, mas ainda há entraves para o proposto, entre elas a ausência de formação específica para desenvolver o tema onde se faz necessária articulação intersetorial. Portanto, trago aqui minha justificativa pessoal para aprofundamento da temática.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde, as adolescências são compreendidas como categoria social, culturalmente construídas, com “uma base material vinculada à idade. Essa facticidade dos ciclos etários apresenta um modo particular de estar no mundo em sua temporalidade, com distâncias e durações diferenciadas” (BRASIL, 2017, p. 17). Apesar da singularidade do processo de adolecer, a caracterização etária é importante essencialmente para nortear políticas públicas; assim, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e Ministério da Saúde, a adolescência é o período compreendido entre 10 e 19 anos (BRASIL, 2017, p. 17).

Neste percurso, o adolescente passa a conviver e valorizar novos meios sociais, a cuidar do corpo e interagir com outros grupos, despertando muitas vezes o interesse em experimentar relações interpessoais, onde a sexualidade se manifesta em diferentes, novas e ainda desconhecidas sensações (BRÊTAS et al., 2011). A sexualidade, que é diferente do ato sexual em si, é um componente intrínseco ao ser humano, satisfazendo necessidades de afeto, prazer, emoções e conseqüentemente ligado ao exercício da liberdade e da saúde. Trata-se de uma construção histórica, cultural e social, que muitas vezes é pautada nos diferentes contextos sociais, nas próprias experiências afetivas e em relações de poder, além de ter importante impacto na formação da identidade (BRÊTAS et al., 2011; MACEDO et al., 2013; SPINOLA et al., 2017). Estas condições, associadas a situações de vulnerabilidade e momentos de experimentação, também podem refletir na manifestação e vivência da sexualidade (MACEDO et al., 2013).

De acordo com a OMS, a sexualidade é uma parte fundamental da vida humana e que pode ser influenciada por uma variedade de fatores, incluindo biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais. Além disso, é importante destacar que a sexualidade é uma dimensão que muda ao longo da vida e é influenciada por muitos fatores diferentes. A saúde sexual, por sua vez, é uma parte importante da saúde geral e requer uma abordagem abrangente que leve em conta todas essas dimensões da sexualidade (WHO, 2006a). A saúde sexual é entendida, então, como um estado de bemestar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade. Ela não é simplesmente a ausência de doença ou disfunção, mas requer uma abordagem positiva e respeitosa da sexualidade e das relações sexuais, além de possibilitar experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. A OMS também afirma que a saúde sexual não pode ser alcançada e mantida sem respeito e proteção dos direitos humanos, e que os direitos sexuais

incluem certos direitos humanos já reconhecidos em documentos internacionais e regionais (WHO, 2006).

É importante lembrar que a proteção dos direitos sexuais é fundamental para o bemestar e a saúde sexual das pessoas, e que esses direitos devem ser protegidos sem discriminação. Além disso, é importante que esses direitos sejam considerados dentro do contexto dos direitos humanos mais amplos, incluindo o direito à privacidade, à liberdade de expressão e de escolha, entre outros. O reconhecimento e a proteção dos direitos sexuais são passos importantes para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todas as pessoas possam realizar e expressar sua sexualidade e gozar de saúde sexual (WHO, 2006).

Neste contexto, a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994, gerou os principais documentos sobre direitos humanos publicados desde a Declaração Universal de 1948, denominado Plano de Ação do Cairo, que reflete sobre a liberdade das pessoas em expressar e viver sua sexualidade. Assim, a sexualidade começou a aparecer como fator positivo, no lugar de algo sempre violento, insultante, ou restrito ao casamento heterossexual e à procriação natural (FURLANETTO et al., 2018).

No Brasil, a sexualidade é legitimada como um direito humano pela Constituição Federal Brasileira de 1988; os direitos sexuais contemplam os princípios da diversidade humana, da saúde, da igualdade, da integridade corporal e da autonomia. Desta forma, as pessoas possuem o direito de viver sua sexualidade respeitando o próprio corpo e do/a parceiro/a; de escolher o/a parceiro/a sexual sem culpa ou falsas crenças; de ter acesso à informação e educação integral para a sexualidade e saúde reprodutiva (BRASIL, 2010). O Estado é responsável por adotar campanhas educativas relativas à saúde sexual e reprodutiva e por inserir ações de educação sobre o tema nos currículos nacionais escolares, de modo a atingir, indistintamente, meninas e meninos. A partir dessa percepção, incorpora-se o princípio de que, na vida sexual, existem direitos a serem respeitados, mantidos ou ampliados e que são necessárias políticas públicas específicas para assegurá-los (SFAIR et al., 2015).

Os adolescentes expressam sua sexualidade influenciados por vários fatores, que podem impactar positiva ou negativamente suas vidas, trazendo consequências também para a vida adulta (SOUZA, RESENDE, 2012). A qualidade das relações com pessoas significativas que viveram na infância e vivenciam atualmente; os grupos de pares; as transformações físicas, psicológicas, cognitivas e sociais; os valores, crenças e normas sociais e familiares são alguns destes fatores. Neste contexto, os adolescentes “constroem a sua rede de experimentações da sexualidade genital e das trocas afetivas, modelando as suas necessidades em saúde sexual e saúde reprodutiva” (BRASIL, 2017, p. 140).

Nos últimos anos, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) têm feito parte da vida de adolescentes e ocupado lugar nas vivências da sexualidade. Em 2018, 86% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos usavam a Internet; destes usuários, 82% possuíam perfis em redes sociais (BRASIL, 2019). Este uso massivo de conteúdos digitais traz oportunidades de benefícios e riscos; um destes riscos é o compartilhamento de imagens ou vídeos privativos, bastante articulados à experimentação da sexualidade desta população. Apesar de 88% de crianças e adolescentes alegarem saber definir o que devem compartilhar na Internet, 38% de professores disseram já ter apoiado um estudante no enfrentamento de situações difíceis na Internet, como o compartilhamento de imagens sem consentimento. Importante ressaltar que, mesmo que crianças e adolescentes possuam habilidades técnicas mais desenvolvidas no uso das TICs, muitas atividades virtuais pressupõem uma maturidade que ainda está em processo de desenvolvimento deste público (BRASIL, 2019).

Reitera-se ainda que 17% das crianças e adolescentes acessam conteúdos relacionados à pornografia, como vídeos ou imagens de sexo, podendo impactar no desenvolvimento sexual (BRASIL, 2019). Nesta fase o sujeito é confrontado com o limite simbólico para abordar o real do sexo; esse pode levar ao despertar da angústia e aproximar o adolescente do risco de vivências da sexualidade de forma não saudável (DIAS et al., 2019).

Outra questão envolvida entre adolescência, sexualidade e mídias virtuais é que práticas de discriminação e violência ocorrem nos relacionamentos íntimos através das redes sociais. No fim de 1990, tais práticas começaram a ganhar maior destaque no meio científico nos Estados Unidos e Europa, sendo reconhecidas como um problema com severas repercussões à vida e à saúde daqueles que as vivenciam (LACH; DESLANDES, 2017). Estas práticas podem envolver desde ameaças e insultos em mídias sociais digitais até mesmo a disseminação de fotos, vídeos, mensagens íntimas sem o consentimento prévio, com o intuito de humilhar a pessoa, bem como inclui as formas de controle das postagens e comunicações feitas. Os danos à identidade e privacidade de quem sofre o abuso digital nos relacionamentos íntimos deixam marcas psíquicas cujas extensões ainda são pouco conhecidas, podendo levar ao isolamento, à depressão, ansiedade, uso de drogas, baixo rendimento escolar e até mesmo comportamentos suicidas (LACH; DESLANDES, 2017).

Um dos comportamentos que requer atenção nesta área é o *sexting*, quando alguém produz e envia ou recebe conteúdos sexuais seus ou de outra pessoa através de dispositivos tecnológicos, seja por texto, vídeo ou imagem. Tal comportamento tem crescido e se tornado comum em diferentes tipos de relacionamentos interpessoais, incluindo namoro, encontros

casuais e amigadas, particularmente entre os adolescentes em idade escolar (CARDOSO et al, 2019).

Há uma década foi realizado nos Estados Unidos um estudo que apontava que entre 20% e 39% dos adolescentes enviavam ou publicavam fotografias, vídeos ou textos de cunho sexual; estudos mais recentes indicam que 22,6% dos adolescentes se envolvem em comportamentos de *sexting*. Em relação ao envio de *sexts*, podemos apontar que entre 17% e 27% dos adolescentes enviam conteúdo sexual erótico. Ao mesmo tempo, entre 31% e 41% dos jovens recebem esse tipo de conteúdo e entre 8,8% e 14% os encaminha (ALONSO-RUIDO et al. 2018).

Os casos de vazamento de imagens íntimas tem sido os mais retratados pela mídia em diversos países, em especial aqueles envolvendo pessoas famosas, pessoas que cometem o suicídio ou pessoas que vivenciam a violência sexual. Tais ocorrências têm gerado impactos nos âmbitos judiciário e legislativo. No Brasil, foi sancionada, em 2018, a Lei Federal nº 13.7183, que torna crime a divulgação sem consentimento de foto ou vídeo com cena de nudez, sexo ou pornografia (PATROCINIO; BEVILACQUA, 2021).

Estudo brasileiro que buscou apreender as representações sociais de adolescentes acerca da sexualidade na internet junto a 124 adolescentes, trouxe que os termos *sexting* e violência emergiram como núcleos centrais. Apesar de transformações ao longo de décadas sobre o exercício da sexualidade, conceito que percorre desde o âmbito cultural até experiências pessoais e que atualmente busca se relacionar à liberdade, igualdade, identidade e prazer, para adolescentes a sua representação no meio virtual se ancorou ao perigo, controle, repressão e desigualdade (SANTOS et al., 2021).

Revisão integrativa de literatura trouxe que, apesar do *sexting* não se constituir um fator de risco *a priori* a adolescentes, se relaciona a variáveis que podem vulnerabilizá-los, como o conteúdo das mensagens e idade dos participantes - quanto mais jovens, maior o risco. Existem modalidades que se relacionam à violência de gênero, como pornografia vingativa e *slut-shaming*, uma versão sexista de *bullying* que expõe mulheres as apontando em determinadas situações como vulgares (SOUZA; LORDELLO, 2020).

Em resumo, os estudos apontam que há diferenças de gênero na frequência de exposições de mensagens de *sexting* não consentidas. As mulheres são mais frequentemente vítimas desse tipo de violação, que está relacionada à violência no namoro e ao sexismo. As mulheres também relatam sofrer mais pressão social para enviar imagens/vídeos com conotação sexual do que os homens. A pressão de pares e parceiros é uma das principais motivações para o engajamento no *sexting*, mas os homens também relatam sofrer pressão, especialmente por

outros homens. Além disso, as mulheres são mais sujeitas à coerção e a vingança quando suas imagens são expostas (MANOEL et al., 2020).

Neste âmbito, o olhar para vivências, saudáveis ou não, relacionadas ao *sexting* precisa considerar o referencial conceitual sobre gênero. Gênero vem sendo abordado por estudos mais recentes, inclusive em sua interface com a saúde, como uma “estrutura multidimensional de relações sociais corporificadas”. Vem sendo trabalhado por diferentes paradigmas, como o pensamento categorial, pós-estruturalista e relacional; este último tem emergido como o mais adequado aos estudos na saúde. É entendido como uma relação complexa envolvendo múltiplas pessoas e categorias, corpos e instituições vinculadas. Dá-se lugar central às críticas às relações padronizadas entre homens e mulheres, que constituem gênero como uma estrutura social. Explora como as práticas sociais podem ser moldadas ou modificar esta estrutura (SCHOFIELD et al., 2002).

Com perspectiva multidimensional, a teoria relacional compreende a discussão de gênero considerando relações econômicas, de poder, afetivas e simbólicas; e opera simultaneamente no nível intrapessoal, interpessoal, institucional e social (LORBER, 1994). Destarte, teóricos nesta corrente de pensamento problematizam as práticas sociais diárias em que o gênero é representado, como trabalho de casa, mercado de trabalho, criação de filhos, vivências da sexualidade e assim por diante. Elas ocorrem num tecido social denso e ativo de instituições e locais como famílias, escolas, políticas governamentais e comunidades. Tais aspectos tornam a construção deste olhar aderente às práticas em saúde (CONNELL, 2012)

Nesta discussão, a violência baseada nas relações de gênero pode emergir, e na adolescência, pelas questões já apresentadas, por práticas digitais como o *sexting*. A violência de gênero engloba qualquer ação que cause danos (físicos, sexuais, mentais ou emocionais) que é perpetrada contra a vontade de uma pessoa com base nas diferenças socialmente atribuídas entre o sistema binário de gênero. Também inclui violências com o propósito explícito de reforçar normas de masculinidade e feminilidade que trazem inequidades de gênero. Pode afetar a saúde e o bem estar físico e mental de sobreviventes, a curto e longo prazo (UNITED NATIONS, 2019).

Meninas adolescentes estão em especial risco de violência de gênero pela intersecção de fatores relacionados à idade e ao gênero. Conforme já reportado, a adolescência é um período de crescimento físico, psíquico, cognitivo e comportamental, que é marcado por diferentes processos desenvolvimentais que incluem experimentação da independência, novas relações, testagem de riscos e construção identitária. Estudos em contextos vulneráveis têm mostrado que as adolescentes exercem este processo com tomadas de decisão fracas e pouco acesso à

informação, recursos e serviços para a saúde sexual e reprodutiva, menos inclusive que mulheres adultas (STARK et al., 2022).

As mídias e redes sociais virtuais têm um impacto na vida sexual dos adolescentes, entretanto a Internet não é aproveitada ou mesmo percebida por eles como um espaço de busca de informações sobre a sexualidade. As principais vítimas do vazamento de imagens íntimas sem consentimento no Brasil são as adolescentes; estudo citado sobre as TICs demonstrou que a produção e a troca de imagens íntimas são uma prática cada vez mais comum entre elas (BRASIL, 2019). Há falta de informação e desconhecimento por parte dos jovens de qualquer rede de proteção e amparo; os dados revelam ainda uma profunda desconfiança das adolescentes em discutir o tema com a família e a escola, preferindo silenciar ou confidenciar. Os dados analisados sugerem que a escola é um espaço privilegiado para o debate sobre esse tema, bem como para mediação de questões que possam surgir em virtude dele (BRASIL, 2019).

O espaço escolar é indicado como local para a educação em saúde e o desenvolvimento de ações de Promoção da Saúde, destacados na Carta de Ottawa. Evidentemente, a saúde e a educação são áreas interligadas, pois a educação tem a capacidade de desenvolver a prosperidade econômica de um país e com isso melhorar os resultados de saúde de uma população, propósito estabelecido nos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio para as Nações Unidas (SCARPINI et.al 2016). Em 2008, a proposta de educação em sexualidade no espaço escolar foi fortalecida por meio do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e do Programa de Saúde na Escola (PSE) - este propõe ação articulada da saúde e educação entre os três níveis de governo, para a oferta de atividades estratégicas nas escolas, inclusive relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, associada ao debate sobre gênero e orientação sexual, introduzindo o conceito de direitos sexuais e reprodutivos (QUIRINO; ROCHA, 2013).

Considerando o exposto, e lacunas ainda existentes na literatura científica nacional sobre adolescências, sexualidade e mídias virtuais, questiona-se: Como os adolescentes se relacionam pelos meios virtuais? A prática do *sexting* é presente entre eles? Como se dá sua construção? Percebem benefícios e/ou riscos?

2. JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica pelo crescente acesso à Internet e mídias virtuais por adolescentes, que passam a maior parte do tempo conectados; tal uso perpassa questões relacionadas à sexualidade, na construção, identificação e experimentação de relações consigo mesmos e com outros. Esta discussão precisa ser parte inerente de ações na saúde escolar, entretanto tal inserção ainda se faz incipiente e tímida.

A articulação saúde-escola como espaço de acolhimento, cuidado e prevenção de agravos deve oferecer suporte aos alunos adolescentes em desenvolvimento biopsicossocial, tornando-se evidente a necessidade de ampliar seu papel formador, reconhecendo os conflitos que podem ser vividos nesse espaço cibernético e a necessidade de discussão sobre tais questões, buscando estratégias educativas nessa área. Assim, a aproximação da percepção dos próprios adolescentes sobre redes sociais virtuais e sexualidade pode iluminar caminhos para intervenções junto aos mesmos, seus responsáveis e professores, além de ouvir as vozes daqueles diretamente envolvidos no fenômeno.

Tal objeto de estudo se faz emergente à agenda da saúde e da Enfermagem, entendida enquanto prática social que deve ser contextualizada e inerente às realidades e necessidades das populações, no caso deste estudo das adolescências. Assim, precisa se apropriar dos desafios e responsabilidades para a promoção da saúde e proteção dos direitos de adolescentes numa sociedade cada vez mais digital, devendo ser tratados como prioridade absoluta.

3. OBJETIVOS

O objetivo geral foi analisar as percepções de adolescentes sobre a prática de troca de conteúdos sexuais na internet e redes sociais (*sexting*). Os objetivos específicos foram:

- 1 Identificar o uso de mídias sociais virtuais por adolescentes no que se refere ao acesso de conteúdos relacionados à sexualidade;
- 2 Identificar como os/as adolescentes se comunicam pelos meios virtuais;
- 3 Analisar benefícios e riscos destas relações em meios virtuais de acordo com a percepção dos/das adolescentes

4. METODOLOGIA

4.1. Delineamento do estudo

O presente trabalho de pesquisa foi delineado com base na abordagem qualitativa, que se aplica ao estudo das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões; ou seja, é produto das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos (MINAYO, 2014).

O estudo se configurou como uma pesquisa social estratégica, que se baseia “nas teorias das ciências sociais, mas orienta-se para problemas concretos, focais, que surgem na sociedade” (MINAYO, 2014, p. 50). Este tipo de pesquisa tem o objetivo de lançar o olhar sobre aspectos da realidade, tendo como finalidade a ação governamental ou da sociedade; tende a ser a mais apropriada para o conhecimento de problemáticas envolvendo o setor da saúde (MINAYO, 2014).

4.2. Local e participantes do estudo

O campo de estudo foi um município de pequeno porte do interior do estado de São Paulo. A cidade possui 11.208 habitantes de acordo com censo de 2010, com estimativa de 11.027 para 2012. A população de 10-19 anos é de 1.795, cerca de 16,01% da população. Possui uma escola estadual de ensino fundamental e médio, e oito escolas municipais de ensino fundamental. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 98,6 %. A renda domiciliar média era de 2,2 salários mínimos em 2020, contudo em 28,4% dos domicílios não ultrapassa meio salário mínimo per capita segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

A proporção de pessoas que exercem uma ocupação em relação à população total era de 40,3%. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 28,4% da população nessas condições. A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 11,20 para 1.000 nascidos vivos. Em relação à vulnerabilidade, Divinolândia apresenta alta nos setores rurais, sendo 8,0% do total da população. No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos domicílios era de R\$1.137 e em 35,0% deles a renda não ultrapassava meio salário mínimo per capita. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 50 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 10,1%. Dentre as mulheres chefes de domicílios, 12,3% tinha até 30 anos, e a parcela de crianças com menos de seis anos equivalia a 8,2% do total da população desse grupo (IBGE, 2017)

Até 2009, o município possuía 6 estabelecimentos de saúde conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS) (IBGE, 2009). O mapa abaixo ilustra o estado de São Paulo, o ponto vermelho que está localizado a cidade de Divinolândia:

Figura 1 – Mapa do estado de São Paulo.



Fonte: Wikipédia, 2023.

Foi realizada em uma instituição escolar e aceitaram participar 15 adolescentes, sendo 13 identificadas com o gênero feminino e dois identificados com o gênero masculino, entre 15 e 16 anos. Eles foram incluídos diante os seguintes critérios: (1) ser estudante da escola estudada; (2) ter idade entre 10 e 19 anos; (3) ter acesso à Internet e perfil em redes sociais; (4) se voluntariar a participar do estudo a partir da divulgação do mesmo no espaço escolar, realizando contato via e-mail ou WhatsApp com a pesquisadora principal.

Para chamamento dos/das adolescentes, o estudo foi divulgado em salas de aula do ensino médio, com o objetivo da pesquisa e contato da pesquisadora principal. A princípio 20 adolescentes mostraram interesse em participar da pesquisa, porém cinco desistiram depois do primeiro contato da pesquisadora, não respondendo mais para entrevista. No primeiro encontro explicamos em detalhes os procedimentos para participação da pesquisa; posteriormente, realizamos contato com os pais e/ou responsáveis para consentimento, sendo que todos concordaram com a participação dos/as filhos/filhas.

4.3 Procedimentos para coleta de dados

Em um segundo encontro os/as adolescentes participaram das entrevistas semiestruturadas. Um questionário com a caracterização socioeconômica (idade, gênero,

etnia, religião, cor, dados de moradia, redes sociais que participa e escolaridade dos pais/responsáveis) foi realizado inicialmente (Apêndice 1).

A entrevista semiestruturada (Apêndice 2) partiu de certos questionamentos básicos, guiados por um roteiro que nortearam uma conversa com finalidade definida, não apresentando qualquer obstáculo e não tendo meios para prever todas as condições ou situações do trabalho de campo (MINAYO, 2014). O roteiro do presente estudo partiu das seguintes questões abertas e norteadoras: Qual tempo que faz uso de internet durante seu dia? Como as redes sociais e a Internet são parte do seu dia-a-dia? Você vivencia aspectos da sua sexualidade (relacionamentos ou busca por conteúdos) nos meios digitais? Se sim, em que momentos e de que forma? Acha que existem benefícios ou riscos? Quais? Caso a resposta pelos adolescentes à questão inicial seja não, as perguntas serão: Acha que existem benefícios ou riscos desse uso por outras pessoas? Conhece alguém que já sofreu exposição em redes sociais? O que você acha sobre isso? Acha que isso é comum? Já tiveram alguma orientação sobre uso seguro das redes e riscos? Você já ajudou ou alertou alguém próximo a você sobre isso? As entrevistas foram realizadas em horário escolar, de forma que não atrapalhassem as atividades didáticas, devidamente acordadas com direção escolar, adolescentes e seus responsáveis em sala privativa da escola.

No terceiro encontro foi realizado um grupo focal; participaram 15 adolescentes neste espaço. O grupo focal se coloca como estratégia importante para pesquisas que busquem a compreensão de experiências grupais e transformação da realidade; permite a emergência de pontos de vista e significados que dificilmente seriam acessados por meio de técnicas individuais. O rigor metodológico na operacionalização, conhecimento da técnica, imersão no objetivo e temática da pesquisa, bem como o conhecimento das características dos participantes pelo pesquisador, são essenciais para garantir a fidedignidade e confiabilidade dos dados (KINALSKI et al., 2017).

Para o grupo focal, foi utilizado como disparador uma conversa de *WhatsApp* sobre *sexting* entre um casal, conforme imagem em Apêndice 3. Este tema foi escolhido a partir do que os/as adolescentes abordaram nas entrevistas, sendo que a principal questão emergente sobre sexualidade e meios virtuais foi a prática do *sexting*. Foram usadas as seguintes questões como norteadoras: O que vocês acham dessa conversa? Ela acontece na vida real? O que vocês acham que a pessoa que pediu a foto se sentiu? E a que recebeu? O que vocês fariam nessa situação? O grupo foi realizado em sala privativa da escola, com os/as estudantes dispostos em roda, tendo a participação de uma facilitadora (orientadora do projeto); uma relatora (mestranda) e uma observadora (pós-graduanda do grupo de pesquisa).

As entrevistas individuais e a conversa do grupo focal foram audiogravadas com equipamentos eletrônicos por meio de aplicativo de gravação de voz, após autorização dos/as participantes. Foram transcritos na íntegra; os nomes pessoais ou locais foram substituídos por fictícios. As falas dos/as estudantes nas entrevistas foram identificadas como Est, e numeradas na sequência em que ocorreram; as falas do grupo, foram identificadas com as letras GF. As entrevistas e o grupo focal ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2022. A duração das entrevistas variou entre 15 a 35 minutos. A duração do grupo focal foi de sessenta e oito minutos.

A coleta de dados seguiu as recomendações da literatura para saturação de significados (HENNINK; KAISER, 2022). Neste sentido, considerou o aprofundamento das questões de estudo articulados aos referenciais conceituais trabalhados. A saturação ocorreu por meio dos dados emergentes do grupo focal, em complementação às entrevistas por maior discussão sobre a prática do *sexting* e implicações do gênero, disparadas nas entrevistas.

4.4 Análise dos dados

A caracterização dos/as participantes foi apresentada por meio de estatística descritiva. Os dados foram analisados mediante a análise temática reflexiva, proposta por Braun e Clarke (2019). Trata-se de uma análise com lógica indutiva, a partir dos dados, considerada um processo reflexivo, criativo, subjetivo e deliberativo. Traz uma sistemática e rigorosa aproximação para codificação e criação de temas, ao mesmo tempo fluida e recursiva. Seguimos as seguintes etapas: (I) familiarização com os dados levantados dos estudos; (II) codificação: buscamos referenciar e codificar as informações relevantes em função das questões de pesquisa, por meio de códigos que capturam a leitura semântica e conceitual dos dados; os códigos serão agrupados com os relevantes dados extraídos do conjunto de informações; (III) busca por temas: um tema é coerente e significativo padrão nos dados relevantes à resposta da pergunta de pesquisa; os códigos da fase anterior são agrupados nestes temas; (IV) revisão de temas: checar se os temas trabalham de acordo com os códigos de dados extraídos e sua relação com o conjunto geral de dados, para serem representativos; (V) definição e nomeação dos temas: conduzir a escrita detalhada da análise de cada tema, identificando a essência de cada um; (VI) escrita final: elemento integral da análise temática, que envolve a tessitura conjunta da narrativa analítica, bem como sua contextualização com literatura relevante da área.

O Quadro 1 demonstra as fases III e IV do processo de codificação:

Códigos intermediários	Temas finais
Funções das redes sociais	Se relacionando pelas redes sociais digitais
Tempo de uso e conteúdo que busca na Internet	
Riscos de compartilhar mensagens íntimas	Vivenciando o <i>sexting</i>
Relação de gênero que compartilha mensagens íntimas e por qual motivo	
Uso seguro das redes e meios de prevenção e educação	Pensando riscos e prevenção para vivência saudável da sexualidade em tempos digitais

Quadro 1 – Árvore de codificação dos temas emergentes dos dados da pesquisa. São Carlos- SP, Brasil, 2022.

Para garantir maior confiabilidade dos dados, a codificação dos dados foi realizada por dois pesquisadores independentes (mestranda e orientadora), sendo que conflitos foram resolvidos por um terceiro, membro do grupo de pesquisa. Ademais, foi realizada a devolutiva dos temas finais aos participantes, para checagem, para indicarem concordância ou não, bem como acréscimo de novas questões. Não houve nenhum acréscimo, sendo que os/as participantes relataram se sentirem representados/as pela análise.

4.5. Aspectos éticos

O estudo seguiu as recomendações das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 sobre pesquisa envolvendo seres humanos, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAAE 57116122.8.0000.5504) (Anexo 1). Após assentirem verbalmente em participar da pesquisa, foi solicitado aos participantes a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e aos responsáveis a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices 4 e 5).

5. RESULTADOS

A caracterização dos/as participantes é apresentada no Quadro 2, conforme exposto a seguir.

Estudante	Idade (anos)	Gênero	Cor	Onde mora	Religião	Número de pessoas na casa	Cômodos da casa	Escolaridade dos pais	Estado civil dos pais
Est 1	16	Masculino	Branca	Zona rural	Evangélica	4	6	Não sabe	Solteiros
Est 2	16	Feminino	Branca	Zona urbana	Católica	4	9	Médio completo	Casados
Est 3	15	Feminino	Branca	Zona urbana	Católica	5	4	Superior incompleto	Casados
Est 4	16	Feminino	Branca	Zona urbana	Católica	3	5	Médio completo	União estável
Est 5	16	Masculino	Parda	Zona urbana	Católica	6	7	Mãe – médio incompleto Pai – médio completo	União estável
Est 6	15	Feminino	Branca	Zona urbana	Católica	2	7	Mãe – superior completo Pai – fundamental completo	Casados
Est 7	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	4	5	Médio completo	Divorciados
Est 8	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	2	5	Fundamental incompleto	União estável
Est 9	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	3	7	Médio incompleto	Casados
Est 10	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	3	7	Médio incompleto	Casados
Est 11	15	Feminino	Branca	Zona urbana	Católica	3	6	Fundamental completo	Casados
Est 12	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	2	5	Médio incompleto	Casados
Est 13	15	Feminino	Branca	Zona rural	Católica	4	5	Fundamental incompleto	Casados
Est 14	15	Feminino	Branca	Zona rural	Espírita	3	8	Médio completo	Solteiros
Est 15	15	Feminino	Parda	Zona rural	Não possui	1	4	Médio completo	Casados

Quadro 2 – Caracterização sociodemográfica dos/as participantes da pesquisa. São Carlos- SP, Brasil, 2022.

A seguir são apresentados os temas finais “Se relacionando pelas redes sociais digitais”; “Vivenciado o *sexting*”; e “Pensando riscos e prevenção para vivência saudável da sexualidade em tempos digitais”.

Tema 1 - Se relacionando pelas redes sociais digitais

Os/as participantes trouxeram inicialmente como percebem o uso das redes sociais. Demonstraram um uso diário e frequente, ressaltando o WhatsApp e Instagram. Como funções

deste uso trouxeram principalmente a comunicação, além de buscas genéricas, visualização de vídeos e educação:

Uso praticamente para tudo, whatsapp, instagram, tik tok. Conversar com amigos e parentes. (Est1)

Uso para comunicação e para minha diversão, vendo vídeo, falando com meus amigos, falando com minha família, com meu pai que não é daqui minha avó, meus irmãos, com minhas primas de longe, então uso para comunicação e diversão. (Est 3)
Na escola eu uso para uso pedagógico, no recreio eu uso, eu mexo, respondo, agora que vou começar a trabalhar creio que vou ficar umas 3 horas, mas antes eu ficava umas 6 horas. (Est 3)

Eu uso mais whatsapp para conversar com a minha família e com meus amigos, o instagram eu uso mais para ficar em uma rede social, não uso facebook, uso mais whatsapp e instagram mesmo. (Est 4)

Geralmente eu gosto muito da parte de tecnologia, no instagram eu vejo reels relacionado a tecnologia, ai de vez em quando eu vejo receita, me média eu vejo isso, eu posto no instagram foto de pôr do sol, foto da lua, foto de treino na academia. (Est 5)

Eu procuro entretenimento. Geralmente acompanho quem posta cuidando de lifestyle, de maquiagem, de beleza, essas coisas (Est 6)

Eu vejo bastante notícias, fofoca que sai, no facebook eu vejo bastante conteúdo da cidade, sobre empregos que sai, eu sempre to acessando. (Est 10)

No Tik Tok eu gosto de ver Meme, dança e acho que só, e coisa de filme que eu gosto de ver (Est 11)

De 2 a 3 horas, whatsapp principalmente, converso com meus amigos, uns contatinhos, minha família. É bom que não precisa ficar encontrando pessoalmente, facilita muito (Est 6)

O dia todo com o celular na mão, só paro para dormir, conversando, assistindo vídeo, no instagram, tik tok, e whatsapp que é mais para responder mensagem. Eu vejo qualquer coisa que aparece, só quando ta atoa assim sabe (Est 7)

Conforme evidenciado nos relatos, percebe-se a imersão dos/das adolescentes neste espaço. Também refletiram sobre o uso destas redes e o impacto negativo nas atividades diárias:

Eu saio da escola, eu trabalho até a noite, aí eu uso mais a noite. Um 4 a 5 horas por aí. Eu acho que tem coisas que ajuda sim, em pesquisar as coisas, comunicar. Quando fica muito tempo conectado, acho que não é bom não. Eu acho que a gente fica muito conectado e não faz as outras coisas. (Est1)

Igual antes eu ficava o dia inteirinho usando o celular e só desligava as 10 horas da noite, era das 10 às 10, aí eu dei uma diminuída sabe, porque eu vi que não tava me fazendo bem, cortei, querendo ou não prejudica um pouco a vida da gente, eu falo porque eu limpo a casa para minha mãe e aquilo me atrasava, eu começava limpar meio dia e era 5 horas da tarde eu não tinha terminado ainda, porque eu tava no celular, então isso não é muito bom não, então isso tem que saber administrar. (Est 3)

Os/as adolescentes refletiram sobre a dificuldade para o uso das redes sociais, relatando que *as pessoas esquecem muito que existe uma vida fora do celular, e acabam vivendo muito tempo com o celular e acaba não tendo uma vida social ativa (Est 2)*. Neste contexto, desvelaram ser frequente o início de conversas e relações de intimidade, visto ser um mundo em que estão imersos:

Eu acho que sim, pelo menos hoje em dia muitas das pessoas começam a namorar começam pelo celular ou alguma rede social. É bom e ruim, porque as vezes as pessoas podem começar o relacionamento com quem não conhece e chega na hora não é aquilo, e pode acontecer várias coisas, e também tem o lado bom porque se não tivesse celular e tecnologia a gente não conseguiria conversar com as pessoas com tanta facilidade igual a gente conversa. (Est 2)

Para conhecer pessoas novas e começar a conversar sim, eu acho que é comum você conhecer pessoas novas e porque até se você não sai muito é mais fácil criar amizade e relacionamento a partir da internet e eu acho que já é uma coisa comum, mas através disso começa muitas coisas ruins também como você se relacionar com um fake, aí você vai encontrar uma pessoa e é outra. (Est 7)

Os/as participantes transitaram nesta percepção entre os aspectos positivos e negativos das interações pelas redes e Internet, trazendo a dificuldade de encontrar um ponto de equilíbrio. Ainda refletiram sobre a impessoalidade destes espaços, podendo trazer riscos:

Não conheço, mas já vi casos, que a pessoa se relacionou e quando foi conhecer na vida real a pessoa não existia, era tudo mentira. Eu vi o relato lá e a pessoa ficou muito mal né, porque já tinha pegado um amor uma paixão pelas redes sociais, conversava todo dia e quando chega na hora a pessoa não existe, aí a pessoa fica muito mal né... (Est 11)

Já ouvi sim, uma amiga minha teve um relacionamento a distância, e como eu falei tem muito sequestro, muito estupro, tem gente se passando por uma pessoa que não é, então eu acho que isso é muito arriscado... aí a pessoa tá ali falando com você e você marca de se encontrar chega lá e não é a pessoa que você estava esperando, é um velho vamos se dizer assim [...] porque você não está junto com a pessoa, não sabe quem é a pessoa. (Est 3)

Tema 2 - Vivenciando o sexting

Os/as adolescentes, ao serem questionados sobre a percepção das vivências da sexualidade e redes sociais, espontaneamente trouxeram aspectos relacionados à prática de sexting:

Ela mandou foto para um menino que tinha namorada, a namorada dele descobriu e vazou as fotos dela. Ela fala para as pessoas que não liga, mas se fosse comigo, eu nem sairia de casa eu entraria em depressão, mas a pessoa não ligou. (Est 7)

Já, bastante pessoas, não só uma, eu não vou citar nomes, mas na minha sala tem uma menina que saiu uma foto dela do corpo inteiro sem nada, e aí espalhou para a escola inteira, e ela tinha mandado para um menino e esse menino espalhou, e é da escola também, é mais em adolescentes que acontece isso. (Est 11)

Tanto para a família, quanto nos próximos relacionamentos, quando você for arrumar um emprego, principalmente aqui na cidade, que a cidade é pequena, que se você fizer alguma coisa a cidade inteira já fica sabendo. (GF)

Conforme evidenciado nos relatos acima e será discutido a seguir, os/as participantes desvelaram repercussões imensuráveis frente a uma possível exposição a partir da prática do *sexting*, como “a cidade inteira te ver nua”:

Sim, aqui na cidade mesmo aconteceu recentemente, eu não posso falar nome, mas uma menina mandou a foto para um cara e ele espalhou e agora a cidade toda tem a foto. Ela confiou nele, ele não deveria ter feito isso né, não sei talvez ele mostrou para algum amigo, daí o amigo mostrou para outro e aí virou esse rolo. Eu acho que ela se sentiu mal, imagina a cidade inteira ter visto a sua foto nua. (Est 6)
E acontece muito na vida real, porque tem vários relatos, já tem vários vazamentos de conversa que a pessoa ficou mal falada na cidade por causa disso, porque mandou foto e publicou. (GF)

Os/as adolescentes vincularam a prática de *sexting* a vivências não saudáveis. No âmbito da discussão relacionada à violência de gênero, como por exemplo a pornografia vingativa, os/as adolescentes trouxeram que se trata de uma prática perpetuada por homens:

De espalhar assim é os meninos. (GF)
E eu acho que menino é mais difícil de mandar foto, porque uma menina não chega assim pedindo foto. (GF)
Foi um menino que ela estava conversando, ela mandou para ele, aí foi uma bagunça porque ele mandou para todo mundo. Infantilidade, porque se a menina mandou para ele, ele tinha que guardar para ele, e não mostrar para todo mundo. Muito mal, porque querendo ou não ela confiava nele né. Tem casos que tem pessoas que não se importam em mandar esse tipo de foto, mas no caso dela ela se importava muito, e ela não pensou que ele poderia fazer isso com ela né... (Est 9)

Os/as participantes relacionaram tais práticas à objetificação da mulher e uma busca pela satisfação egóica do homem:

[...] muitas vezes o homem vai querer mostrar “ah olha o que eu tô fazendo, o que eu tenho”, tipo como se fosse um objeto a mulher e não uma pessoa que tem sentimentos, tipo isso, como se fosse um prêmio, sei lá... (Est 14) Eu acho, porque eles pedem e mostram para o amigo, “olha eu recebi”, eu acho que eles fazem isso para massagear o ego deles. (GF)
Ela queria satisfazer o desejo dela e não tava querendo ver a pessoa de verdade, ela queria satisfazer a vontade dela. (GF)

Por conseguinte, identificaram desigualdades nas consequências sofridas quando essas mensagens são expostas. Os meninos não sofrem punições e podem inclusive ser recompensados com elogios e reconhecimento de sua masculinidade; já as meninas vivenciam situações de polivitimização, sofrendo diversos danos psicológicos e sociais:

Porque deve ser doente, deve achar que tá arrasando, abalando, mas não tá não, não liga para o sentimento da outra pessoa, tá fazendo isso porque acha divertido para se gabar, porque homem eu falo isso porque eu sou menina né, eu não faria isso com menino nenhum, e menina como a Dona Selma já conversou comigo, homem ele vai lá suja, suja, suja e continua tudo bem, agora mulher ela vai lá e suja uma vez, já não tem mais o que fazer, já tá na boca de todo mundo, e quando acontece isso com o homem parece que é um mérito, ele ter recebido uma foto de uma menina, ele quer mostrar para os outros que ele consegue e os outros não conseguem e vai lá e publica a foto. (Est 3)

De se vingar, para ferrar com a vida dela. Eu acho que as meninas de primeira não mandam, agora menino manda numa boa. Porque a menina se preocupa mais com o que vai falar dela, se vazou uma foto da menina ela vai ficar conhecida como puta que manda foto para todo mundo, agora o menino se vazou a foto dele fica conhecido como gostosão, essa é a diferença. (Est 7)

E já com o homem isso não acontece, tipo vazou uma foto dele, um, dois dias todo mundo já esqueceu... Ou ele vai ficar se gabando, “nossa você espalhou essa foto minha agora suas amigas tão vindo atrás de mim”. (GF)

Conforme a última fala, uma das causas para o compartilhamento de fotos trocadas por *sexting* é a vingança, em especial por parte dos meninos. De acordo com os/as adolescentes, trata-se reflexo do machismo estrutural existente:

Porque a gente tá preso nessa sociedade machista, que eu discordo totalmente porque eu acho isso o cúmulo, a gente em pleno 2022 ainda tá nessa sociedade ultrapassada, não é cabível (GF).

Apesar da pornografia vingativa ser o mais frequente tipo de violência de gênero vinculado à prática de *sexting*, também emergiu o *slut-shaming* como prática existente entre adolescentes, também relacionada à questão de gênero:

Conheço, só que é muito pesado a história que eu sei, é aqui da escola também. A menina tem 14 anos e tem um vídeo ou uma foto dela com um monte moços nela, junto com ela no quarto, um monte de adultos e ela 14 anos, e ela tá tipo sem roupa né assim, aí tipo gravaram ela, tiraram fotos, e tudo mais, aí eu não sei como ela ficou depois disso, mas eu vejo ela andando aqui como se nada tivesse acontecido. (Est 14)

Tal fala pode também ser apontada como violência e exploração sexual, crime gravíssimo, entretanto sem resolução de acordo com os adolescentes. Ainda com relação às causas para estas violências ocorrerem são questões familiares e rompimentos, em especial por parte dos meninos:

Ao meu ver geralmente deve ter sofrido um bullying na infância se for uma pessoa um pouco maior, e deve ter um problema dentro de casa com os familiares, e o único meio que ela acha para tirar aquela negatividade de dentro dela é meio que causando uma negatividade em outras pessoas sem saber, porque geralmente essas pessoas acham que é brincadeira e para a outra pessoa isso magoa e machuca, e aí as vezes isso meio que bloqueio é um dos fatores. (Est 5)

Já, O menino tava namorando a menina, aí os dois largou e ele não aceitou o fim, aí ele espalhou várias coisas sobre ela para todo mundo [...] Por falta de caráter. (Est 6)

Considerando a prática de *sexting* diretamente relacionada à violência, os/as adolescentes trouxeram que as vítimas são manipuladas por confiarem nos parceiros, com medo do rompimento, e tais situações são mais comuns com adolescentes mais jovens:

Manipulação... Muitas vezes ela pode pensar “ah ele gosta de mim, ele está quase me namorando, se eu não mandar ele não vai ficar comigo... Para não perder a pessoa... É porque na maioria das vezes as meninas mais novas se relacionam com caras mais velhos. (GF)

A questão da confiança no desenrolar do *sexting* e possíveis impactos negativos é reiterada nos relatos:

Foi homem mesmo, eu acho que vazaram em um grupo. Eu acho que ela ficou magoada e triste, ela confiava na pessoa. (Est 4)
As pessoas que tem que saber que a outra confiou em você e não ficar espalhando, falando para outras pessoas que a pessoa mandou uma foto para você, ela que tem que ter esse autocontrole. (Est 7)
Falta de caráter, não confio em pessoa assim, na hora de mandar a gente até confia, mas depois que vaza a gente perde a confiança. (Est 12)

Finalmente, os/as adolescentes trouxeram consequências importantes a nível individual, relacional e social de vítimas de práticas violentas relacionadas ao *sexting*, com grande impacto à saúde mental em especial das meninas:

E aí levar as vezes na brincadeira pode ocasionar um problema psicológico para uma outra pessoa, e as vezes pode levar até ao suicídio, eu considero uma questão bem séria e importante, por mais que a pessoa que faça leva na brincadeira. (Est 5) Eu iria me sentir insegura, com muita vergonha, eu não ia querer ir para os lugares, porque eu ia chegar e mesmo sem saber se as pessoas viram eu ia ficar pensando “será que ele viu minha foto”. (GF)
Eu acho que eu nem sairia de casa, iria querer sumir do mundo, ir para marte, mudaria de cidade. (GF) Entraria em depressão. (GF)

Os/as adolescentes trouxeram que as vítimas de situações que envolveram práticas violentas relacionadas ao *sexting* podem se sentir isoladas, temerosas e desestimuladas sobre a escola, fazendo com que eles se ausentem mais vezes, diminuam o desempenho e até evadam destas instituições. Estão propensas a se envolverem em situações de risco como isolamento social, sentirem-se rotuladas, deprimidas e, em casos extremos, podem ocorrer pensamentos de morte e tentativas de suicídio.

Eu tenho uma amiga que eu amo de paixão, ela é super reservada, e começou a namorar um menino e ele pediu uma foto para ela e ela mandou [...] aí depois de umas duas semanas, a foto chegou em um grupo da família dela, e ela teve que fazer psicóloga, gerou um trauma muito grande para ela, ela ficou sem sair, sem se comunicar, a mãe dela tirou o celular dela, ela ia contar e ficava em prantos e isso destruiu com a imagem dela na cidade... (Est 3)

Ah para ela foi bem triste ver todo mundo espalhando uma foto dela. (Est 9)

Eu acho que ela se sentiu insegura e muito triste com tudo aquilo. (Est 2)

Ela ficou muito mal, ela não vinha para a escola, muito mal mesmo assim, ficou triste. (Est 11)

Eu acho que fica com muita vergonha, perde a segurança nela, e fica com muita insegurança depois, depois fica se culpando e um monte de coisa que passa pela cabeça... (Est 12)

A saúde mental dela, vai que ele faz alguma coisa que nem passa pela cabeça dela e ela faz isso e ela se sente mal, pensa que é culpa dela as coisas. (Est 14)

Eu acho que a gente tem que prevenir, porque depois que já se espalhou não tem mais o que fazer, você pode ir lá fazer um processo, mas não vai mudar em nada, praticamente acabou com sua vida, principalmente sendo mulher, sua vida vai ter uma marca para sempre. (GF)

Tema 3 - Pensando riscos e prevenção para vivência saudável da sexualidade em tempos digitais

Os/as adolescentes, conforme já relatado, trouxeram riscos mais amplos para a prática do *sexting*, para além da ação do/a parceiro/a por se constituir um ambiente digital. Ainda citaram que mesmo um vazamento de imagens acidental é irreversível:

Porque foi que nem tipo, ele queria uma foto dela de corpo inteiro, apesar dele ter também só no celular dele, muitas outras pessoas podem ter a senha ou pode pedir alguma foto sei lá, aí a pessoa vai lá e manda, aí nesse manda vai rolando na frente, rolando para frente, então esse apaga é meio estranho, porque eu sei que a pessoa não vai apagar, acontece muito isso hoje em dia também, tipo tem adolescente que acaba se matando por causa das fotos, acontece muita política disso. (GF) Mas querendo ou não, não vai conseguir tirar das redes sociais depois que vazarem. (GF)

Uma das questões que emergiu como prática preventiva a estes riscos é o autoconhecimento e empoderamento:

Mas dessa questão da foto tem vez que a outra pessoa nem quer mandar, aí a outra pessoa faz chantagem emocional para a pessoa mandar a foto, as vezes ela nem quer mandar. (GF)

Aconteceu isso ontem comigo, aí eu falei “vai ficar na vontade porque eu não faço essas coisas”, não mandei! (GF)

Eu acho que aí poderia ter palestra, mas ao mesmo tempo que pode ter palestra as pessoas sabem disso e mesmo assim mandam, as vezes a pessoa fala assim “ah se você não me mandar eu vou parar de falar com você” através de manipulação, aí poderia ter palestra falando sobre isso, eu acho que é uma forma de se conscientizar. (Est 7)

O apoio dos pares também deve ser presente, e foi ressaltado pelos adolescentes:

Eu acho que tipo deveriam conversar mais, e se perceber se a pessoa está tendo essa atitude e ela não reconhece e não sabe e que na cabeça dela é só uma brincadeira, eu acho que a gente deveria parar e conversar com a pessoa explicar o seu ponto de vista em relação a atitude dela, tentar aconselhar ela a não fazer, porque eu tenho uma percepção de vista que tudo se resolve na base do diálogo, nunca partir para a violência nunca deve xingar uma pessoa, sempre conversar com tranquilidade e explicar o seu ponto de vista tentando sempre entender o ponto de vista da outra pessoa, sem julgar ela. (Est 5)

Foi ressaltado pelos/pelas adolescentes que conversas sobre a sexualidade, e a vivência desta em tempos digitais, deveria ser parte das discussões familiares. Neste sentido, trouxeram que muitos pais têm dificuldades porque foram ensinados a não falar sobre tais questões:

Eu acho que as famílias têm que conversar mais a respeito disso, minha mãe é muito fechada comigo, ela não conversa nem de relação sexual e nem de mensagens no celular, mas eu sei o tanto que isso é triste, eu vejo ao meu redor que não tem como eu fazer, eu não vou fazer, isso é muito triste, muito triste mesmo, e é uma coisa que acontece igual matar e roubar não tem como fazer isso parar de acontecer. (Est 3) Sim, porque alguns são machistas, nem conversam com as filhas, mas isso foi hereditário, foi o jeito que eles foram educados... Eu acho que eles só vão conversar com a gente quando acontece... ou nem conversam né, só bate. (GF)

Percebe-se a necessidade de retomada do diálogo familiar por vias não violentas. Para além destas questões, foi sugerido a conscientização do uso seguro de redes sociais e da Internet no meio escolar:

Eu acho que a escola poderia conscientizar as pessoas das consequências, porque muitas vezes as pessoas fazem coisas na internet sem ter o auxílio de ninguém, pai e mãe não falam sobre isso em casa e acaba que a pessoa não tem muita conscientização sobre o que ela tá fazendo, então se ela soubesse dos riscos e consequências eu acho que aconteceria bem menos. (Est 2)
Seria bom ter uma palestra nas escolas falando a respeito disso e mostrar como a rede social é, o jeito que pode traumatizar as pessoas, e mostrar o que mesmo aconteceu, pegar exemplo de pessoas e mostrar o que aconteceu e o jeito que a pessoa ficou, isso seria bem bacana. (Est 3)
Tomar cuidado com quem você conhece na Internet, com quem você conversa, não mandar seus dados, não mandar fotos, não manda, e se você for conhecer alguém pela Internet você manda um local antes de tudo e conversa presencialmente porque pela internet você não tá vendo foto, não tá vendo nada da pessoa, você não conhece, só aquilo que tá na internet que ele quer que você veja dele. Eu acho que através das redes sociais, da TV, cartazes... (Est 11)

Neste sentido, foi apontado que quanto mais precocemente estas ações acontecem, mais sucesso podem ter:

Eu acho que desde pequena as crianças, principalmente as crianças que estão entrando bastante em redes sociais deveriam ser orientadas, para não sofrer com isso, tanto o bullying quanto ao assédio, a expor muito a imagem, tem muitas crianças que já começam então eu acho que já tem que começar desde pequeno com isso, ter uma orientação dos pais, das pessoas próximas... (Est 8)

Eu acho que já tem várias coisas, várias publicações sobre isso na Internet, mas que não estão adiantando muito, tipo conscientizando as crianças, ensinar desde pequeno, os pais conversarem, falarem o que pode o que não pode e o que vai acontecer se fizer alguma coisa que não pode, os riscos que aquela criança ta correndo, é uma maneira né. (Est 9)

Como citado na última fala, foi apontado como possível experiência exitosa o uso de testemunhos de pessoas que vivenciaram situações de violências nas redes envolvendo a prática de *sexting* para reflexão:

Alguém falou para mim eu não lembro quem, que talvez que se desse o exemplo de alguém que já sofreu isso, perguntar para a pessoa o que ela sentiu, como que foi mostrar para as outras seria uma maneira de prevenir também.... (GF)

6. DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo indicaram o uso frequente e diário de redes sociais digitais, como se o mundo paralelo fosse o real e o virtual se configurasse como real. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada em 2015, os adolescentes de 15 a 17 anos e de 18 a 19 anos constituem o grupo de pessoas que mais acessam a rede com percentuais equivalentes a 82,0 % e 82,9%, respectivamente. A Internet faz parte do cotidiano dos adolescentes; as ferramentas mais utilizadas são redes sociais, e-mail, jogos online e aplicativos de mensagens instantâneas (FERREIRA et al., 2020). Tais dados corroboram nosso estudo, pois foi encontrado que os adolescentes estão imersos nas redes em especial pela sua função comunicativa.

Os/as adolescentes participantes trazem benefícios deste uso, mas com dificuldade em estabelecer equilíbrios. Estudo que buscou evidências científicas sobre a influência do uso da Internet na saúde dos adolescentes corrobora que estes percebem a comunicação virtual como mediadora de novas linguagens e maior liberdade de expressão. Foi percebido que sentem conversas no contexto virtual tão intensamente como em encontros físicos, talvez mais íntimos. Ainda aparece que os adolescentes percebem este meio como um “laboratório social” para a vida, pois exercitam relações buscando superar dificuldades para interação social e conflitos socioemocionais (FERREIRA et al., 2020). Estes achados ao mesmo tempo podem ser vistos como riscos a maiores dificuldades para vivências na “vida real”, visto serem ambientes diferentes que podem frustrar as pessoas. Estudo ainda encontrou que o uso excessivo da Internet pode levar a prejuízos importantes em adolescentes, podendo chegar ao uso abusivo e compulsão (MOROMIZATO, 2017).

Neste espaço virtual, os/as adolescentes também passam a se relacionar afetivamente e, como percebido pelos/as participantes, o *sexting* é uma prática cada vez mais comum entre esta população. Este comportamento pode ter consequências negativas, incluindo a exposição a riscos legais e a danos à reputação, bem como ao desenvolvimento saudável da sexualidade. É importante que os pais, educadores e profissionais de saúde estejam cientes desta prática e forneçam orientação adequada para ajudar os adolescentes e jovens a compreender os riscos e

lidar de forma saudável com a sexualidade (MANOEL et al., 2020), conforme será discutido mais a frente e foi abordado pelos/as nossos/as participantes.

Em estudo realizado com adolescentes italianos, foram identificadas três motivações para a prática do *sexting* – a primeira se relaciona à percepção do *sexting* pelos/as adolescentes como uma forma de experimentação e exploração de sua própria sexualidade e desenvolvimento; a segunda motivação como reforço da imagem corporal, busca por *feedbacks* e confirmações sobre o próprio corpo; e a terceira, menos relatada pelos participantes, foram motivos instrumentais/agressivos. Estes últimos são os mais danosos pois incluem intenções prejudiciais (GARGANO et al., 2022). Esta última motivação foi preponderante em nossa pesquisa, podendo se relacionar às especificidades do contexto estudado – um município de pequeno porte, com características rurais evidentes.

Corroborando dados de nosso estudo, a literatura atual sobre *sexting* aponta principalmente para seus aspectos negativos e riscos, incluindo o *bullying* cibernético, pornografia, comportamento sexual de risco, uso de substâncias, problemas de saúde emocional e mental, evasão escolar, consequências legais e até mesmo suicídio. Embora algumas pesquisas sugiram que o *sexting* pode fazer parte do desenvolvimento sexual saudável dos adolescentes, a maioria dos estudos destaca seus aspectos vulnerabilizantes (MURPHY; SPANCER, 2021). Outro estudo identificou que o *sexting* coercitivo está associado à hostilidade e agressividade, enquanto o recebimento de *sexts* não solicitados e a solicitação para enviar *sexts* estão associados a problemas de saúde psicossocial, incluindo depressão, impulsividade e transtorno emocional. Já o *sexting* consensual não está relacionado a problemas de saúde psicossocial. Essas descobertas sugerem a importância da educação sobre *sexting*, especialmente nas formas não consensuais e manipuladas, e como lidar com o envio de *sexts* (LU et al., 2021). É importante sinalizar que tais questões corroboram nossos achados, visto os/as participantes trazerem funcionamentos adoecidos de pessoas que praticam o *sexting* de forma não saudável ou violenta, bem como a imposição / manipulação em especial por parte dos meninos.

A literatura mostra que muitos jovens já receberam mensagens e imagens íntimas e que, em muitos casos, essas imagens foram repassadas ou enviadas de forma não autorizada. A divulgação das imagens pode ser realizada de forma impulsiva e motivada por um empoderamento masculino de ter propriedade sobre esse conteúdo e ganhar status ao enviá-lo. Os estudos sobre o fenômeno também apontam para uma pressão sofrida pelos meninos para divulgarem o *sexting* que recebem e serem vistos como másculos quando isso ocorre. É importante destacar que esse comportamento é parte do cenário do machismo estrutural, e não

se trata de um caso de pornografia de vingança, pois não havia um objetivo de vingança ou ciúmes nestas situações relatadas (LORDELLO et al., 2019).

Neste âmbito, pelas falas dos/as adolescentes, a questão do gênero teve influência na dinâmica vivida e compreendida do *sexting*. Corroborando a literatura, os meninos que se identificam com os padrões tradicionais de masculinidade foram mais propensos a receber *sexts*. Essas diferenças refletem desigualdades de gênero, pois criam normas e moralidade conflitantes em torno do comportamento sexual, principalmente para meninas, e envolvem formas de coerção e violência dirigidas a elas. Observa-se ainda que, assim como a maioria dos casos de violência contra a mulher em espaços físicos, as práticas em espaços digitais também são perpetradas por homens que fazem parte do círculo social das vítimas (PATROCINIO; BEVILACQUA, 2021).

Os/as adolescentes deste estudo trouxeram o *sexting* como sinônimo de violência, mas são conceitos diferentes. O compartilhamento não autorizado de mídias ocorre com frequência muito menor que o *sexting* e a publicização dos conteúdos é a experiência negativa mais comum vivenciada por jovens. Essas práticas são prejudiciais e podem causar danos emocionais e psicológicos graves às vítimas, além de serem consideradas crimes (PATROCINIO; BEVILACQUA, 2021). Estudo revela que a coerção ao *sexting* é frequente nas relações interpessoais, especialmente para as mulheres. Elas relataram ser mais afetadas por essa situação, tanto em termos de traumas quanto de incidência. O estudo também mostrou uma correlação entre a coerção para o *sexting* e outros métodos violentos, sugerindo que esse comportamento está relacionado a outras formas de violência (SOUZA; LORDELLO, 2020).

Este compartilhamento não autorizado de imagens ou vídeos sexuais leva à culpa da pessoa retratada, conforme relatado neste estudo, enquanto o compartilhador é frequentemente isento de responsabilidade. Esse fenômeno está fortemente ligado a preconceitos de gênero, já que meninas são frequentemente julgadas negativamente por seu comportamento sexual, enquanto o *sexting* é visto como uma expressão positiva de masculinidade para meninos. A exposição sexual online é um fator de risco para vitimização, e a distribuição não autorizada de conteúdo sexual pode ter consequências negativas. Os adolescentes relatam que muitas vezes eles não têm consciência das possíveis consequências negativas da prática e isso pode levar a problemas de saúde mental e problemas sociais (MANOEL et al., 2020). Adolescentes são especialmente vulneráveis devido a baixos níveis de consideração por consequências futuras. Além disso, o *sexting* coercitivo é relacionado à pressão pelo ato sexual e ao comportamento agressivo no namoro. Há necessidade de mais pesquisas sobre a relação entre motivações de *sexting* e violência no namoro (BIANCHI et al., 2021).

Há a necessidade de considerar a especificidade do contexto deste estudo, e as implicações do mesmo para intensificar o discutido até o momento. Estudo realizado em zona rural da Uganda examinou práticas sexuais de adolescentes. O envio de *sexting* se relacionou a riscos no desenvolvimento saudável da sexualidade. Denotou que geralmente as meninas são vítimas e a comunidade falha em reconhecer estes eventos como violências sérias que interferem no comportamento sexual. Para controlar o engajamento nestes comportamentos e desencorajar estes eventos, as instituições de proteção social dos adolescentes devem reforçar políticas para proteção das vítimas (Bukonya et al., 2020).

Tais percepções dialogam com prática de violência baseada no gênero. Esta não é apenas uma questão de direitos humanos, mas também de saúde pública. Alguns fatores que contribuem para a violência de gênero são estereótipos de gênero, discriminação de gênero, baixa autoestima, ansiedade, raiva e acesso fácil a armas. A cultura do machismo e a negação do abuso também são fatores contribuintes. A violência pode ter graves consequências para a saúde física, mental e sexual das vítimas, incluindo lesões, infecções sexualmente transmissíveis, depressão, ansiedade, distúrbios alimentares, entre outros. Além disso, pode ter efeitos duradouros e intergeracionais, afetando as vítimas, seus filhos e suas famílias. É fundamental que a sociedade se una para combater os diferentes tipos de violências, incluindo aquelas que ocorrem em meio virtual. e proteger os direitos humanos de todas as pessoas, independentemente de gênero, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero. Isso pode ser alcançado por meio de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero, a sensibilização da sociedade sobre o problema e o empoderamento das mulheres e dos grupos mais vulneráveis, bem como por meio de medidas de proteção e justiça (TSAPALAS et al., 2021).

Os/as participantes trouxeram a importância de campanhas de conscientização e educação para que os adolescentes possam desenvolver uma compreensão mais completa dos riscos envolvidos em compartilhar conteúdo sexual online e como lidar com essas situações de forma segura e saudável (PATROCINI; BEVILACQUA, 2021). É importante notar que a falta de conversas saudáveis e educação integral sobre sexualidade pode levar os adolescentes a buscarem informações e respostas para suas perguntas e curiosidades na internet, onde eles podem ser expostos a conteúdo inapropriado ou perigoso. Além disso, a pressão social e a falta de consciência sobre as consequências negativas do *sexting* podem levar os adolescentes a se envolver nessa prática sem compreender os riscos. É importante que os pais e a escola trabalhem juntos para fornecer uma educação integral para a sexualidade abrangente e aberta, que incluam

conversas sobre *sexting* e suas possíveis consequências, a fim de ajudar os adolescentes a tomar decisões informadas e saudáveis (CARDOSO et al., 2019).

Já que muitos jovens não discutem sobre *sexting* junto às famílias, a escola tem um grande potencial em atingir muitos adolescentes para que compreendam os riscos envolvidos na troca de conteúdo sexual online, como a privacidade, a segurança das informações pessoais e a possibilidade de exploração e abuso. É importante discutir sobre o respeito à privacidade dos outros e a responsabilidade por seu próprio comportamento online, incluindo a perpetração de agressão relacional e *cyberbullying*. A educação sobre *sexting* nas escolas pode oferecer informações sobre a importância de consentimento e respeito nas relações íntimas e como evitar comportamentos de coerção no *sexting*. Portanto, a educação sobre *sexting* nas escolas pode ser eficaz na prevenção de comportamentos perigosos e prejudiciais relacionados, e ao mesmo tempo promover a saúde sexual e relacional dos jovens (OJEDA; DEL REI, 2022), conforme também sugerido pelos/as participantes.

A escola, junto a outros parceiros da rede de proteção social a adolescentes, pode colaborar na conscientização sobre o papel de pais e cuidadores na identificação e enfrentamento de vivências não saudáveis relacionadas ao *sexting*. Ademais, como presente neste estudo, os pares tem papel primordial, devendo ser treinados para apoiar. Assim, o apoio social de família, amigos e figuras adultas é crucial para prevenir o comportamento de *sexting* em adolescentes. Além disso, estudos apontam que o apoio social pode agir como um “amortecedor” contra estressores e comportamentos de risco. Portanto, é importante que os adolescentes tenham acesso a uma rede de apoio positiva e saudável, tanto em casa quanto na escola e comunidade (VALIDO et al., 2020).

Neste âmbito, a literatura corrobora os resultados deste estudo na proposição de intervenções que dialoguem com o modelo ecológico de compreensão e prevenção da violência, que considera múltiplos elementos nos níveis individual, relacional, comunitário e social como fatores protetivos ou de risco ao delineamento de violências (OMS, 2018). Revisão de escopo sintetizou e analisou criticamente a prevenção primária de perpetração de violência nas relações íntimas por homens e meninos em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento. Os estudos que demonstraram eficácia na prevenção desenvolveram ações em múltiplos níveis do modelo ecológico, sendo recomendados (DeHOND; BRADY; KALOKHE, 2022). Outro estudo conduziu uma análise de componentes de intervenção na escola para criar uma taxonomia considerando violências de gênero e íntimas. Foi encontrado que componentes que agrupavam maiores níveis do modelo ecológico levavam a mudanças positivas nos adolescentes, incluindo intervenções junto aos professores, familiares e sociais-ambientais (RIZZO et al., 2022).

Finalmente, este estudo traz algumas limitações. Trata-se de um contexto específico e os dados precisam ser contextualizados, pois o fato de realizá-lo em município de pequeno porte pode ter impactado as compreensões sobre o *sexting*. Ademais, a forma de recrutamento pode ter favorecido a participação de apenas uma sala. A maior presença de participantes que se identificavam com o gênero feminino também está imposta, podendo ter influenciado os resultados encontrados.

Apesar das limitações, este estudo traz implicações para a prática, a saber: (1) a necessidade urgente de discussões com adolescentes, pais ou cuidadores, professores e comunidade sobre uso seguro e saudável da Internet e redes sociais; (2) discussões sobre realidades virtuais e concretas; (3) desconstruções de normas tradicionais de gênero; (4) construções de relações e acordos de intimidade saudáveis, que respeitem a privacidade dos envolvidos; (5) conversas profundas com famílias sobre apoio e práticas de comunicação nãoviolenta necessárias aos adolescentes; (6) acolhimento em saúde mental para vítimas de violências de gênero, inclusive em ambientes virtuais; (7) conscientização sobre legislações que protegem e enfrentam crimes virtuais; (8) ações para empoderamento e promoção de saúde mental, em especial para meninas; (9) ações que reforcem o apoio pelos pares; (10) se possível, realização de ações com metodologias ativas, que envolvam casos simulados ou discutam com pessoas que vivenciaram violências de gênero pelo *sexting*.

7. CONCLUSÃO

O estudo trouxe a imersão dos adolescentes em meios digitais, e a função de comunicação ofertada pelas redes sociais. Neste sentido, se desenvolvem e se relacionam por meio destas redes, percebendo riscos e benefícios. O *sexting* é parte inerente às relações, sendo articulada às violências pelos adolescentes. Refletem sobre os papéis da desigualdade de gênero como determinantes para o estabelecimento destas relações violentas, incluindo para as consequências destas violências.

Os/as adolescentes, frente aos riscos apontados para a prática do *sexting*, sugerem importantes ações para o enfrentamento de vivências não saudáveis, em perspectivas que considerem os contextos familiar, escolar e comunitário mais amplo. Novos estudos que abarquem outros cenários, em especial municípios de grande porte, são recomendados. Ademais, as perspectivas de famílias e professores podem ser complementares aos dados aqui encontrados para promoção de saúde na vida destes adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ALONSO-RUIDO, P et al. Sexting através del discurso de adolescentes españoles. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 27, n. 2, 2018 [Accedido 16 Diciembre 2022], pp. 398-409. Disponible en: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902018171835>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902018171835>.
- BIANCHI, D et al. A Bad Romance: Sexting Motivations and Teen Dating Violence. **J Interpers Violence**. v.36, n.13-14, p. 6029-6049, 2021. doi: 10.1177/0886260518817037. Epub 2018 Dec 10. PMID: 30537886.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**, Brasília, 2010. <<http://www.saude.gov.br/bvs>>
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**, Brasília, 2017. <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf>
- BRASIL. TIC Kids Online. **Pesquisa Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil**. Revista eletrônica, São Paulo, 2019 <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic_kids_online_2018_livro_eletronico.pdf>
- BRETAS, JRS et al . Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, July 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000800021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 de Julho de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232011000800021>.
- BUKENYA JN, NAKAFEERO M, SSEKAMATTE T, ISABIRYE N, GUWATUDDE D, FAWZI WW. Sexual behaviours among adolescents in a rural setting in eastern Uganda: a cross-sectional study. **Trop Med Int Health**. 2020 Jan;25(1):81-88. doi: 10.1111/tmi.13329.
- CARDOSO, A.T.; FALCKE, D.; MOSMANN, C.P . Sexting: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. **Estud. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 3, p. 665-685, set. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812019000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2022.

CONNELL R. Gender, health and theory: conceptualizing the issue, in local and world perspective. **Soc Sci Med**. v.74, n.11, p.1675-83, 2012. doi: 10.1016/j.socscimed.2011.06.006. Epub 2011 Jun 29. PMID: 21764489.

DeHOND A, BRADY F, KALOKHE AS. Prevention of Perpetration of Intimate Partner Violence by Men and Boys in Low- and Middle-Income Countries: A Scoping Review of Primary Prevention Interventions. **Trauma Violence Abuse**. 2022 May 5:15248380221097441. doi: 10.1177/15248380221097441. Epub ahead of print. PMID: 35511498.

DIAS, V.C et al . Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, e179048, 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100109&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 06 de Setembro de 2020. Epub Apr 25, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003179048>.

FERREIRA, E. Z et al. Internet influence on the biopsychosocial health of adolescents: an integrative review. **Revista Brasileira De Enfermagem**, v.73, n.2, 2020. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0766>

FURLANETTO, M.F et al . Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cad. Pesqui**, São Paulo , v. 48, n. 168, p. 550-571, June 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200550&lng=en&nrm=iso>. Access on 01 July 2020. <https://doi.org/10.1590/198053145084>.

GARGANO, M et al. Sexting in adolescence: what are the reasons? An empirical study. **Clin Ter**. v.173, n.5, p.407-413, 2022. doi: 10.7417/CT.2022.2455. PMID: 36155725.

HENNINK M. M.; KAISER B. K.; MARCONI V.C. Code Saturation Versus Meaning Saturation: How Many Interviews Are Enough? **Qualitative Health Research**, v. 27, n. 4, p. 591–608, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Cidades e Estados de 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KINALSKI, D.D.F et al. Focus group on qualitative research: experience report. **Rev Bras Enferm**. v.70, n.2, p.424-9, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0091>

LACH, R.M.D.; DESLANDES, S.F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, e00138516, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

311X2017000702001&lng=en&nrm=iso>. Access on 06 Sept. 2020. Epub July 27, 2017. <https://doi.org/10.15090/0102-311x00138516>.

LORDELLO, S.R.; SOUZA, L.; COELHO, L.A.M. Adolescentes e redes sociais: violência de gênero, sexting e cyberbullying no filme Ferrugem. **Nova perspect. sist.**, São Paulo, v. 28, n. 65, p. 68-81, dez. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412019000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jan. 2023. <http://dx.doi.org/10.38034/nps.v28i65.538>.

LORBER J. **Paradoxes of gender** Yale University Press, New Haven (1994)

LU, Y.; BAUMLER, E.; TEMPLE, J.R. Multiple Forms of Sexting and Associations with Psychosocial Health in Early Adolescents. **Int J Environ Res Public Health**. v.9, n.18, p.2760, 2021. doi: 10.3390/ijerph18052760. PMID: 33803243; PMCID: PMC7967483.

MACEDO, S.R.E et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Rev. bras. enferm**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-109, Feb. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672013000100016&lng=en&nrm=iso>. Access on 08 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S003471672013000100016>.

MANOEL, D.F et al. Sexting e adolescência: a emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 37-50, jun. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167729702020000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jan. 2023.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407p.

MOROMIZATO, M. S et al. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira De Educação Médica**, v. 41, n.4, 2017. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118>

MURPHY, D.M.; SPENCER, B. Teens' Experiences with Sexting: A Grounded Theory Study. **J Pediatr Health Care**. v.35, n.4, p.387-400, 2021. doi: 10.1016/j.pedhc.2020.11.010. Epub 2021 Apr 10. PMID: 33846048.

OJEDA, M.; DEL REY, R. Lines of Action for Sexting Prevention and Intervention: A Systematic Review. **Arch Sex Behav**. v.51, n.3, p.1659-1687, 2022. doi: 10.1007/s10508-02102089-3. Epub 2021 Nov 17. PMID: 34791584; PMCID: PMC8916998

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Inspire**: sete estratégias para pôr fim à violência contra crianças. São Paulo, 2018. Disponível em:

<<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/207717/9789241565356-por.pdf>>. Acesso em: out. 2019.

PATROCINIO, L.B.; BEVILACQUA, P.D. Sobre risco, violência e gênero: revisão da produção da saúde sobre o sexting entre jovens. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 07, p. 2709-2718, 2021 [Acessado 16 Dezembro 2022], Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07482021>>. Epub 02 Jul 2021. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.07482021>.

QUIRINO, G.S.; ROCHA, J.B. Prática Docente em Educação Sexual em uma Escola de Juazeiro do Norte, CE, BRASIL. **Ciência & Educação**, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013. <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251028539015>>

RIZZO, A. J., ORR, N., SHAW, N., FARMER, C., CHOLLET, A., YOUNG, H., BERRY, V., RIGBY, E., HAGELL, A., BONELL, C., & MELENDEZ-TORRES, G. J. (2022). Exploring the Activities and Target Audiences of School-Based Violence Prevention Programs: Systematic Review and Intervention Component Analysis. **Trauma, Violence, & Abuse**, 0(0).

RODRIGUES, M.J. Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) na Adolescência. **Nascer e Crescer**, Porto, v. 19, n. 3, p. 200, set. 2010. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542010000300020&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 jul. 2020.

RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. Projeto "Saúde e Prevenção nas Escolas": percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 501-523, June 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312015000200501&lng=en&nrm=iso>. Access on 02 July 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000200010>.

SANTOS, G.S, et al. Social representations of adolescents about sexuality on the internet. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. v. 55, 2021 [Acessado 18 Dezembro 2022], e20200488. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-20200488>>. Epub 20 Ago 2021. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP2020-0488>.

SCARPINI, N.A.M.; ANDRADE, L.S.; GONÇALVES, M.F.C. Professores da Educação Básica e Temas de Sexualidade e Drogas na Escola: Ações de Promoção da Saúde para os alunos, 2016. **Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, SP, Brasil, eISSN: 1982-5587

SCHOFIELD, T. R et al. **Butland Das Konzept des Geschlechterverhältnisses in Forschung, Politik und Praxis** K. Hurrelmann, P. Kolip (Eds.), *Geschlecht, Gesundheit und Krankheit: Männer und Frauen im Vergleich*, Verlag Hans Huber, Bern, pp. 67-83. 2002.

SFAIR, S.C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saude soc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, June 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-

12902015000200620&lng=en&nrm=iso>. Access on 02 July 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200018>.

STARK L, S. I.; REIS, C. Gender-based violence against adolescent girls in humanitarian settings: a review of the evidence. **Lancet Child Adolesc Health**. v.5, n.3, p.210-222, 2021. doi: 10.1016/S2352-4642(20)30245-5. Epub 2020 Nov 19. PMID: 33220789.

SOUZA, C.C.; RESENDE, A.C. Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. **Aval. psicol.**, Itatiba , v. 11, n. 1, p. 95-109, abr. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712012000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 fev. 2023.

SOUZA, L.; LORDELLO, S.R.M. Sexting and Gender Violence Among Young People: An Integrative Literature Review. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** [online]. v. 36, 2020 [Acessado 19 Dezembro 2022], e3644. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>>. Epub 02 Set 2020. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>.

SPINOLA, M.C.R.; BERIA, J.U.; SCHERMANN, L.B. Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 3755-3762, Nov. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021103755&lng=en&nrm=iso>. Access on 08 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172211.00082016>.

TSAPALAS, D et al. Gender-Based Violence, Perspectives in Latin America and the Caribbean. **Hisp Health Care Int**.v.19, n.1, p.23-37, 2021. doi: 10.1177/1540415320924768. Epub 2020 Jun 9. PMID: 32515230; PMCID: PMC7940803.

UNITED NATIONS, Population Fund. **The Inter-Agency Minimum Standards for Gender-Based Violence in Emergencies Programming**. November, 2019. <https://www.unfpa.org/minimum-standards> (accessed April 17, 2020).

VALIDO, A et al. Social-Ecological Examination of Non-Consensual Sexting Perpetration among U.S. Adolescents. **Int J Environ Res Public Health**. v.17, n.24, p.9477, 2020. doi: 10.3390/ijerph17249477. PMID: 33348870; PMCID: PMC7766393.

APÊNDICE 1
CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES

1. Idade: _____
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Cor _____
4. Estado Civil _____
5. Como se identifica: () Homem () Mulher
6. Onde mora (bairro): --- _____
7. Religião: () católica () evangélica () espírita () umbanda () não tenho religião
() outra: _____
8. Redes sociais que participa () Facebook () Instagram () Whastapp () Outros

9. Contando com vc, quantas pessoas vivem na mesma casa: _____
10. Quantos cômodos tem a casa onde moro: _____
11. Qual é a escolaridade de seus pais ou responsáveis? _____ 10- Estado Civil
dos Pais _____

APÊNDICE 2

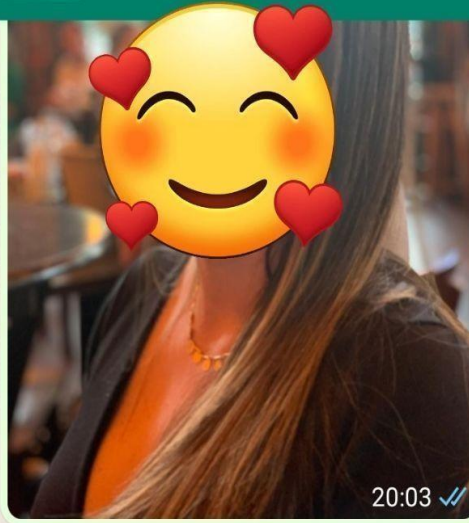
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ADOLESCENTES

- 1- Quanto tempo você faz uso de tela durante seu dia? E de Internet?
- 2- Como as redes sociais e a Internet são parte do seu dia-a-dia?
- 3- Você vivencia aspectos da sua sexualidade (relacionamentos ou busca por conteúdos) nos meios digitais? Se sim, em que momentos e de que forma?
- 4- Acha que existem benefícios ou riscos? Quais? Caso a resposta pelos adolescentes à questão inicial seja não, as perguntas serão: Acha que existem benefícios ou riscos desse uso por outras pessoas?
- 5- Conhece alguém que já sofreu exposição em redes sociais? O que acha sobre isso? Acha que é comum acontecer? O que leva a pessoa a fazer isso?
- 6- O que acha que poderia ser feito para conscientizar sobre o uso seguro das redes?
- 7- Já tiveram alguma orientação sobre uso seguro e riscos das redes?
- 8- Você já ajudou ou alertou alguém próximo a você em relação a isso?

APÊNDICE 3



20:37



Tá linda a foto, mas queria ver mais 20:04



20:04

Como assim? 20:04 ✓✓

Pode ser de corpo inteiro , sem roupa 😊



20:05

Eu n tenho foto assim 20:05 ✓✓

Faz rapidim..só pra gente matar a saudade que tá grande

20:06

Ahh, 😞 hoje não vai rolar 20:07 ✓✓

Manda sim só pra eu ver , eu já apago na hora

20:07



Mensagem



APÊNDICE 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ADOLESCENTES)

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa chamada “Cuidados nos meios virtuais: perspectivas de adolescentes” que quer conhecer e analisar as percepções sobre a sexualidade nos meios virtuais entre vocês, adolescentes. A escolha pela sua participação se deu por estar matriculado nesta escola, ser parte da faixa etária, ter acesso à internet e perfil em redes sociais. Seu/ua responsável também autorizará sua participação.

Nesta pesquisa você responderá um questionário com dados sobre você, sua família e relacionados ao tema estudado. Estes encontros serão formados por você e pela mestrande e enfermeira Caroline Grespan Forlani, supervisionada por sua orientadora Profa. Dra. Diene Carlos. Os encontros serão realizados na escola, em momentos que não atrapalhem suas atividades diárias e que garantam sua privacidade.

No total, você participará de dois encontros de aproximadamente 30 minutos cada um. No primeiro encontro será feita a explicação em relação a pesquisa, e o segundo encontro será a aplicação de uma entrevista relacionada ao tema, sobre como a internet e redes sociais fazem parte do seu dia-a-dia, além de como você se relaciona afetivamente por elas ou o que pensa sobre isso.

Suas respostas serão anônimas e confidenciais. Isto quer dizer que em nenhum momento será divulgado seu nome ou outro dado que identifique você. Seguro/a da sua privacidade de identificação, saiba que os resultados da pesquisa poderão ser utilizados de forma científica. Nossos encontros terão gravação de voz em equipamentos eletrônicos (como tablets ou celulares) por meio de aplicativo de gravação de voz; esta gravação servirá apenas para fins de pesquisa, para que suas falas não sejam esquecidas. Ao finalizar a coleta de dados, a pesquisadora responsável irá fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", assim somente a pesquisadora terá acesso aos arquivos.

Qualquer informação que possa facilitar a sua identificação será omitida. Também não será divulgado a escola em que foi realizado o estudo ou a cidade, sendo referida apenas como uma cidade de porte pequeno do interior de São Paulo.

Sua experiência com relação ao tema é importante de ser compartilhada para que possamos entendê-la. Sua participação não é obrigatória e você poderá desistir a qualquer momento. Se não quiser participar, não terá prejuízo na sua relação com a pesquisadora ou com a escola.

Como benefício direto, você poderá refletir sobre as questões de sua vida; e fatores que podem estar relacionados à sua exposição em redes sociais. Você também terá a oportunidade de conversar sobre assuntos que tiver vontade ou que te incomodam, em um ambiente acolhedor e livre de julgamentos. A longo prazo, poderá contribuir com questões relacionadas ao uso de meios virtuais, bem como ações de prevenção, promoção e cuidados prestados a outros adolescentes.

Como riscos, você pode sentir desconfortos, constrangimentos ou aparecimento de conteúdos angustiantes em qualquer momento da pesquisa. Para minimizar estes riscos, tomaremos os seguintes cuidados: acordo prévio sobre privacidade e sigilo ao relatar as vivências; escuta ampliada e acolhedora e te ajudar no acesso de serviços de saúde da Atenção Primária se for o caso, como por exemplo apresentar sofrimento. Você também poderá interromper participação e não responder aos questionamentos que identificar como perturbadores do ponto de vista emocional, incluindo a possibilidade de pedir para sair do estudo. Se desejar desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Você não será remunerado/a e nem terá custo algum, mas caso haja algum gasto terá direito a ressarcimento. É garantido o direito à indenização diante de eventuais danos não previstos na pesquisa. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço das pesquisadoras, rubricada em todas as páginas, podendo tirar dúvidas sobre a pesquisa agora ou a qualquer momento. Você terá acesso ao registro do assentimento sempre que solicitado.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa e aceito participar. A pesquisadora informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da UFSCar que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do país, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Pesquisadoras responsáveis: Diene Monique Carlos e Caroline Grespan Forlani
Endereço institucional: Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Telefones: (16) 33518334; (19)993450122; Emails: diene.carlos@ufscar.br; grespan.carol@gmail.com Local e data:

Assinatura do/a participante:

Assinatura das pesquisadoras responsáveis:

Caroline Grespan Forlani

Profa. Dra. Diene Monique Carlos **APÊNDICE 5**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (AUTORIZAÇÃO DOS PAIS
E/OU RESPONSÁVEIS)

(Baseado nas diretrizes da Resolução CNS nº 466/2012)

Seu/ua filho/a está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa chamada “Cuidados nos meios virtuais: perspectivas de adolescentes” que quer conhecer e analisar as percepções sobre a sexualidade nos meios virtuais entre vocês, adolescentes. A escolha pela participação dele/a se deu por estar matriculado nesta escola, ser parte da faixa etária, ter acesso à internet e perfil em redes sociais. Ele/a também deve aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

Nesta pesquisa, ele/a responderá um questionário com dados sobre si mesmo, sua família e relacionados ao tema estudado. Estes encontros serão formados junto a uma mestrande e enfermeira Caroline Grespan Forlani, supervisionada por sua orientadora Profa. Dra. Diene Carlos. Os encontros serão realizados na escola, em momentos que não atrapalhem suas atividades diárias e que garantam sua privacidade.

No total, ele/a participará de dois encontros de aproximadamente 30 minutos cada um. No primeiro encontro será feita a explicação em relação a pesquisa, e o segundo encontro será a aplicação de uma entrevista relacionada ao tema, sobre como a internet e redes sociais fazem parte do seu dia-a-dia, além de como ele/a se relaciona afetivamente por elas ou o que pensa sobre isso.

As respostas serão anônimas e confidenciais. Isto quer dizer que em nenhum momento será divulgado o nome dele/a ou outro dado de identificação. Seguro/a da sua privacidade de identificação, saiba que os resultados da pesquisa poderão ser utilizados de forma científica. Os encontros terão gravação de voz em equipamentos eletrônicos (como tablets ou celulares) por meio de aplicativo de gravação de voz; esta gravação servirá apenas para fins de pesquisa, para que as falas não sejam esquecidas. Ao finalizar a coleta de dados, a pesquisadora responsável

irá fazer o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", assim somente a pesquisadora terá acesso aos arquivos.

Qualquer informação que possa facilitar a identificação será omitida. Também não será divulgado a escola em que foi realizado o estudo ou a cidade, sendo referida apenas como uma cidade de porte pequeno do interior de São Paulo.

Ressaltamos que a experiência dele/a com relação ao tema é importante de ser compartilhada para que possamos entendê-la. A participação não é obrigatória e ele/a poderá desistir a qualquer momento. Se não quiser participar, não terá prejuízo na relação com a pesquisadora ou com a escola.

Como benefício direto, ele/a poderá refletir sobre as questões de sua vida; e fatores que podem estar relacionados à sua exposição em redes sociais. Ele/a também terá a oportunidade de conversar sobre assuntos que tiver vontade ou que incomodam, em um ambiente acolhedor e livre de julgamentos. A longo prazo, poderá contribuir com questões relacionadas uso de meios virtuais, bem como ações de prevenção, promoção e cuidados prestados a outros adolescentes. Como riscos, ele/a pode sentir desconfortos, constrangimentos ou aparecimento de conteúdos angustiantes em qualquer momento da pesquisa. Para minimizar estes riscos, tomaremos os seguintes cuidados: acordo prévio sobre privacidade e sigilo ao relatar as vivências; escuta ampliada e acolhedora e ajuda no acesso de serviços de saúde Atenção Primária se for o caso, como por exemplo apresentar sofrimento. Ele/a também poderá interromper a participação e não responder aos questionamentos que identificar como perturbadores do ponto de vista emocional, incluindo a possibilidade de pedir para sair do estudo.

Ele/a não será remunerado/a e nem terá custo algum, mas caso haja algum gasto terá direito a ressarcimento. É garantido o direito à indenização diante de eventuais danos não previstos na pesquisa. Você receberá uma via deste termo onde consta o telefone e o endereço das pesquisadoras, rubricada em todas as páginas, podendo tirar dúvidas sobre a pesquisa agora ou a qualquer momento. Você terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e aceito que meu/minha filho/a _____ participe da mesma, se assim também for de sua vontade. A pesquisadora informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da UFSCar que, vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem a responsabilidade de garantir e fiscalizar que todas as pesquisas científicas com seres humanos obedeçam às normas éticas do país, e que os participantes de pesquisa tenham todos os seus direitos respeitados. O CEP-UFSCar funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da

Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa

Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351 -9685. Endereço

eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Pesquisadoras responsáveis: Diene Monique Carlos e Caroline Grespan Forlani

Endereço institucional: Rodovia Washington Luiz, Km. 235 – CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil. Telefones: (16) 33518334(19)993450122

Emails: diene.carlos@ufscar.br; grespan.carol@gmail.com

Local e data:

Assinatura do/a responsável pelo/a voluntário/a participante:

Assinatura das pesquisadoras responsáveis:

Caroline Grespan Forlani

Profa. Dra. Diene Monique Carlos

ANEXO 1

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Sexualidade e meios virtuais: percepções de adolescentes, pais e profissionais de saúde e educação **Pesquisador:** Caroline Grespan Forlani **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 57116122.8.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.627.683

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1885402 (4).pdf).

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral é conhecer e analisar as percepções de adolescentes, pais ou responsáveis, profissionais de saúde e educação sobre a sexualidade de adolescentes nos meios virtuais

Objetivo Secundário:

1. Caracterizar os participantes do estudo com seus dados socioeconômicos;
2. Identificar o uso de mídias sociais virtuais por adolescentes no que se refere ao acesso de conteúdos relacionados à sexualidade;
3. Identificar como os adolescentes se relacionam afetiva e sexualmente pelos meios virtuais;
4. Analisar benefícios e riscos destas relações em meios virtuais;
5. Conhecer e analisar os significados atribuídos por pais ou responsáveis, profissionais de saúde e educação ao uso de mídias sociais virtuais e o desenvolvimento da sexualidade adolescente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Como riscos poderão sentir desconfortos, constrangimentos ou aparecimento de conteúdos angustiantes em qualquer momento da pesquisa. Para minimizar estes riscos, tomaremos os seguintes cuidados: acordo prévio sobre privacidade e sigilo ao relatar as vivências; escuta ampliada e acolhedora e ajudar no acesso a serviços de saúde se for o caso. Os participantes também poderão interromper a participação e não responder aos questionamentos que identificarem como perturbadores do ponto de vista emocional, incluindo a possibilidade de pedir para sair do estudo. Será reforçado que a participação não é obrigatória e que não haverá prejuízo a quem não quiser participar.

Benefícios:

Como benefício direto, os adolescentes poderão refletir sobre as questões de sua vida; fatores que podem estar relacionados à sua exposição em redes sociais, além de terem a oportunidade de conversar sobre assuntos que desejarem ou lhes incomodarem, em um ambiente acolhedor e livre de julgamentos. Os pais ou responsáveis poderão pensar a respeito deste fenômeno, além de refletirem sobre o cuidado a seus filhos. Os profissionais de saúde e educação refletirão sobre o desenvolvimento da sexualidade em tempos de mídias digitais, bem como pensar o cuidado a este público. A longo prazo, todo o estudo poderá contribuir para construção de conhecimento de questões relacionadas à sexualidade e meio virtual, bem como ações de prevenção de agravos e promoção da saúde voltadas a adolescentes e suas famílias, além de educação permanente dos profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Todos estão apresentados devidamente.

Recomendações: Vide conclusões

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em relação ao atendimento, pelo pesquisador, às adequações solicitadas pelo CEP, tenho a considerar: Pendência 1 - ATENDIDA - É necessário indicar em método e no TCLE como o material gravado será cuidado (quem terá acesso, como será arquivado ou se será apagado/excluído).- Atender as orientações da

Conep sobre PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL. Este documento pode ser acessado na página do CEP UFSCar: <http://www.propq.ufscar.br/etica/cep>.

Pendência 2 - ATENDIDA - Apresentar explicitamente a forma de abordagem dos adolescentes sobre o interesse em participar da pesquisa, a forma como os adolescentes deverão se manifestar, caso a abordagem seja realizada por um pesquisador em sala de aula.- Sugiro que a forma de abordagem inicial dos adolescentes para a apresentação do estudo e convite a participar seja feita de modo a não revelar publicamente a identidade dos adolescentes que se interessarem.

Pendência 3 - ATENDIDA - No ponto do texto em que consta: "Pelas especificidades do contexto e dos participantes, reforça-se que serão discutidas e estabelecidas junto ao campo as estratégias para aproximação e garantia da continuidade do cuidado a adolescentes se necessário", seria interessante apresentar possíveis estratégias e formas de "continuidade do cuidado" e explicitar que cuidado pode vir a ser necessário continuar ou reescrever esse trecho com mais detalhes.

Pendência 4 - ATENDIDA - Explicitar no projeto a necessidade do uso de imagem dos participantes e de gravação das entrevistas.

Pesquisas com TCLE online devem incluir:- Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento o (a) senhor irá (a) decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O(a) senhor(a) ao clicar em "Aceito participar da pesquisa" irá: 1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual poderá ser impresso ou solicitado ao pesquisador via endereço de email fornecido, se assim o desejar. 2. Responder ao questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de XXXX minutos. Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelo pesquisador e serão apagados ao se fechar a página do navegador. Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação deverá informar o pesquisador desta decisão e este descartará os seus dados recebidos sem nenhuma penalização. Você poderá imprimir uma via deste termo, ou se desejar, o pesquisador poderá encaminhar uma via assinada por email ou da maneira como preferir.

Com relação ao atendimento às recomendações:

Recomendação 1 - ATENDIDA - Enviar Carta Resposta ao parecerista elencando todas as pendências apontadas no parecer (seguindo a mesma ordem) e descrever as adequações que foram feitas para atender cada uma das pendências. O arquivo da Carta Resposta deve ser nomeado: “Carta_Resposta_versao 1” e anexado na plataforma como tipo de documento “Outros”.- Submeter nova versão de todos os documentos (projeto completo, TCLE, etc.) que precisaram ser adequados e destacar (grifar) todas as alterações realizadas em cada documento.- Todos os documentos, incluindo a Carta Resposta, devem permitir o uso dos recursos Copiar e Colar.- Recomenda-se a leitura de todo o parecer para identificação das alterações necessárias. Ressubmeter o projeto sem as devidas correções poderá levar a não aprovação do mesmo por este CEP.

Recomendação 2 - ATENDIDA - Este CEP orienta que todas as alterações respondidas na Carta Resposta deverão ser padronizadas em todos os documentos anexados na Plataforma Brasil tais como Informações Básicas na PB, TCLE e projeto detalhado para que haja consonância entre as informações.

Recomendação 3 - ATENDIDA - As respostas às pendências devem ser apresentadas em documento à parte (Em arquivo que deverá ser nomeado: Carta_Resposta_versao 1).

- Anexar o arquivo na Plataforma Brasil como tipo de documento “Outros”. Ressalta-se que deve haver resposta para cada uma das pendências apontadas no parecer, obedecendo à ordenação deste. Recomenda-se a leitura de todo o parecer para identificação das alterações necessárias.- Nos novos documentos anexados (Projeto completo, TCLE, etc.), devem estar destacados (grifados) todos os trechos que foram modificados. Todos os documentos, incluindo a Carta Resposta, devem permitir o uso dos recursos Copiar e Colar.

Todas as alterações/adequações devem ser realizadas em todos os documentos e devem ser destacadas/realçadas.- De acordo com a Resolução CNS no 466 de 2012 e a Norma Operacional no 001 de 2013 do CNS, as pendências devem ser respondidas exclusivamente pelo pesquisador responsável no prazo de 30 dias, a partir da data de envio do parecer pelo CEP. A partir de 30 dias, encaminhar justificativa do atraso na submissão do projeto com as respostas às pendências. Após o prazo de 90 dias o protocolo não será aceito.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar

dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1885402.pdf	01/07/2022 16:00:25		Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao1.pdf	01/07/2022 15:59:52	Diene Monique Carlos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_TCLE_versao2.pdf	01/07/2022 15:59:27	Diene Monique Carlos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoME.pdf	01/07/2022 15:59:08	Diene Monique Carlos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	autorizaescola.pdf	18/03/2022 15:11:27	Caroline Grespan Forlani	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_de_uso_de_imagem.pdf	18/03/2022 15:08:55	Caroline Grespan Forlani	Aceito
Cronograma	CronogramaCEP.pdf	18/03/2022 15:06:58	Caroline Grespan Forlani	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	14/03/2022 19:27:05	Caroline Grespan Forlani	Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

SÃO CARLOS, 06 de Setembro de 2022

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))